



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Anabela Dias da Costa Oliveira

Audiovideografia e cultura audiovisual: um estudo de caso com alunos do 9º ano do Ensino Básico, em Educação Visual, no âmbito do Projeto Curricular de Turma.



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Anabela Dias da Costa Oliveira

Audiovideografia e cultura audiovisual: um estudo de caso com alunos do 9º ano do Ensino Básico, em Educação Visual, no âmbito do Projeto Curricular de Turma.

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Ciências da Educação
Área de Especialização em Tecnologia Educativa

Trabalho realizado sob a orientação da
Doutora Lia Raquel Moreira Oliveira

Outubro de 2011

Declaração

Nome: Anabela Dias da Costa Oliveira

Endereço electrónico: anaoliana2@gmail.com

Telefone: 962557080

Número do Bilhete de Identidade: 5935356

Título da dissertação:

Audiovideografia e cultura audiovisual: um estudo de caso com alunos do 9º ano do Ensino Básico, em Educação Visual, no âmbito do Projeto Curricular de Turma.

Orientadora: Doutora Lia Raquel Moreira Oliveira


Ano de conclusão: 2011

Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação

Área de Especialização em Tecnologia Educativa

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO, APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 29 de Outubro de 2011

Assinatura: 

Agradecimentos

A presente dissertação é o resultado da preciosa colaboração de várias pessoas a quem queremos agradecer.

Um agradecimento muito especial à Doutora Lia Raquel Oliveira, pela forma como nos orientou e acompanhou, em todos os momentos desta investigação. O seu entusiasmo e o seu estímulo constantes, o sentido crítico e disponibilidade permanente, contribuíram decisivamente para que este trabalho, embora longo e nem sempre fácil, tenha sido concluído e realizado com forte empenho e motivação.

Agradecemos a receptividade e apoio da Direção do Agrupamento de Escolas, onde se realizou esta investigação

Um agradecimento a todos os docentes dos conselhos de turma que colaboraram neste projeto, muito especialmente às diretoras de turma, que mostraram interesse por este estudo e me apoiaram em todos os momentos.

Aos meus alunos e alunas que participaram neste estudo.

Aos meus colegas de Mestrado: à minha companheira/colega, sobretudo amiga, Maria José pelo apoio que deu, ao Luís, à Sandra e à Ângela, pelo incentivo e pela amizade.

Às minhas amigas, às doces e às menos doces, por me ouvirem, apoiarem e por estarem sempre presentes.

À minha mãe, aos meus irmãos, ao meu cunhado e ao meu sobrinho David, pelo incentivo e pelo apoio.

Ao meu marido e aos meus filhos, pelo tempo que não lhes dedicámos durante a investigação e pelo carinho e apoio que deram.

Audiovideografia e cultura audiovisual: um estudo de caso com alunos do 9º ano do Ensino Básico, em Educação Visual, no âmbito do Projeto Curricular de Turma.

Palavras Chave: **Cinema educativo, vídeo-educativo, podcast vídeo, cultura audiovisual, educação para os media, motivação.**

Resumo

A criação, pelos alunos, de pequenos filmes sobre a realidade escolar, a cidade onde habitam, os problemas que os preocupam, contribui, de forma significativa, na educação para a cidadania, para a promoção das artes, da criatividade, e para o desenvolvimento da cultura audiovisual na escola? Qual é a importância dos jovens “fazerem” e discutirem comunicação? Será que estes alunos serão os mesmos depois de dominarem esta tecnologia, depois de passarem de consumidores a produtores?

Para tentar responder a estas questões desenvolveu-se um estudo de caso qualitativo, em ambiente de investigação-ação-crítica, na disciplina de Educação Visual, com alunos do 9º ano de escolaridade. Tentando incrementar a cultura audiovisual na escola, perseguiram-se os seguintes objectivos: que os alunos adquirissem competências de uso das tecnologias vídeo; que desenvolvessem um olhar crítico e reflexivo sobre factos e acontecimentos, desenvolvessem a criatividade e a capacidade comunicativa.

Foi possível verificar que estes jovens realizadores de narrativas audiovisuais desenvolveram competências no âmbito das tecnologias, no âmbito da forma como lidam com os elementos das linguagens, no diálogo que estabelecem com o imaginário, no modo de falarem de si e das suas questões, em suma, no modo de interagirem com o mundo.

Se dotarmos os jovens de conhecimentos sobre a linguagem audiovisual e os sensibilizarmos para o seu poder, se os incentivarmos a usá-la, se lhes dermos espaço e liberdade para produzirem as suas próprias narrativas, estamos a contribuir para a formação de cidadãos mais interventivos, mais cívicos e mais criativos.

Audiovisual education: a case study with year 9 students from a junior school within the scope of Visual Education discipline

Keywords: educational cinema, educational films, pod-cast video, culture, audiovisual, media education, motivation.

Abstract

The creation of short movies, by the students, about the reality of school, the city they inhabit, the problems that trouble them, does it contribute, in a significant way, for an education towards citizenship, promotion of arts and creativity and an audiovisual culture in school? What is the importance of having these youngsters doing and discussing communication? Will these students be the same after they master such technology such is, after they change from consumers to producers?

To address these issues a qualitative case study was held in an environment of critical action-research, in the discipline of Visual Education with ninth-grade students. In order to increment audiovisual culture at school the following goals were targeted: the mastery of skills in video technologies; the development of a reflexive and critical overview towards facts and events; the development of creativity and communication capacity.

It was possible to detect that these young directors of audiovisual narratives had acquired skills in the spectrum of technologies namely, the way they deal with language elements, the way dialog is established between themselves and the imaginary, the way they address themselves and their questions and in sum: the way they interact with the world.

If youngsters are presented with knowledge over audiovisual language and if we make them sensitive to its use, if we give them incentive to use it and allow space and freedom to produce their own narratives, we are contributing to raising citizens who are more interventive, more civic and also more creative.

Índice

AGRADECIMENTOS	III
RESUMO	V
ABSTRACT	VII
ÍNDICE	IX
ÍNDICE DE GRÁFICOS	XI
ÍNDICE DE TABELAS	XII
1. INTRODUÇÃO	13
2. PROBLEMÁTICA	17
2.1. COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM AUDIOVISUAL.....	18
2.2. O PODER DA IMAGEM NA FORMAÇÃO DE JOVENS ADOLESCENTES.....	19
2.3. O CINEMA COMO INSTRUMENTO DA APRENDIZAGEM DE VALORES.....	21
2.4. FORMAÇÃO DE ESPETADORES.....	23
2.5. JOVENS PRODUTORES DE COMUNICAÇÃO.....	25
2.6. A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO VISUAL O CURRÍCULO.....	27
3. METODOLOGIA	29
3.1. OPÇÕES METODOLÓGICAS E DESCRIÇÃO GLOBAL DO ESTUDO.....	30
3.2. OBJETO DO ESTUDO, INTENÇÃO, QUESTÕES E OBJETIVOS.....	32
3.3. CONTEXTO E PARTICIPANTES.....	33
3.4. TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS.....	34
3.5. ABORDAGEM PEDAGÓGICA.....	36
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	41
4.1. CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÓMICA DAS TURMAS ENVOLVIDAS.....	42
4.2. QUESTIONÁRIO INICIAL.....	44
4.2.1. Perfil tecnológico dos alunos.....	44
4.2.2. Hábitos Cinéfilos.....	50
4.3. DIÁRIO DE BORDO/ NOTAS DE CAMPO.....	53
4.3.1. Atividades para a promoção e desenvolvimento da cultura visual e audiovisual.....	54

4.3.1.1.	Visita ao 32º Festival Internacional de Cinema de Animação	54
4.3.1.2.	Comemoração da Declaração Universal dos Direitos Humanos	55
4.3.1.3.	Participação no Concurso Portugal Visto por Nós	56
4.3.1.4.	Concurso de Fotografia - Braga a Minha Cidade	56
4.3.2.	Atividades desenvolvidas para a realização dos vídeos/videogramas.....	57
4.4.	QUESTIONÁRIO FINAL.....	61
4.5.	ANÁLISE DOS VÍDEOS/VIDEOGRAMAS	65
4.5.1.	Tipo de abordagem.....	66
4.5.2.	Aspectos evidenciados.....	66
4.5.3.	Media usados.....	70
4.5.4.	Tipo de audiovisual.....	70
5.	CONCLUSÃO	73
5.1.	RETROSPECTIVA DO TRABALHO DESENVOLVIDO	74
5.2.	SÍNTESE CONCLUSIVA	76
5.3.	TRABALHOS FUTUROS E CONSEQUÊNCIAS DO ESTUDO	77
	REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	79
	ANEXOS.....	89
	ANEXO A – FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DA TURMA, CONSTANTE NO PCT (PROJETO CURRICULAR DE TURMA) .	90
	ANEXO B – ANÁLISE DOS VÍDEOS / VIDEOGRAMAS.....	91
	ANEXO C – INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO	92
	ANEXO D – QUESTIONÁRIO SOBRE O TRABALHO DE VÍDEO REALIZADO.....	97
	ANEXO E – FICHA DE APRESENTAÇÃO DE IDEIAS	100

Índice de Gráficos

GRÁFICO 1 - TURMA X - EQUIPAMENTO TECNOLÓGICO	46
GRÁFICO 2 - TURMA Y - EQUIPAMENTO TECNOLÓGICO	46
GRÁFICO 3 - TURMA Z - EQUIPAMENTO TECNOLÓGICO	47
GRÁFICO 4 - TURMA X – USOS DA INTERNET E REGULARIDADE DE ACESSO	48
GRÁFICO 5 - TURMA Y – USOS DA INTERNET E REGULARIDADE DE ACESSO	49
GRÁFICO 6 - TURMA Z – USOS DA INTERNET E REGULARIDADE DE ACESSO	49
GRÁFICO 7 – PERIODICIDADE DE ASSISTÊNCIA A FILMES.....	52
GRÁFICO 8 – PERIODICIDADE DE ASSISTÊNCIA A FILMES.....	52
GRÁFICO 9 – PERIODICIDADE DE ASSISTÊNCIA A FILMES.....	52

Índice de Tabelas

TABELA 1 - SÍNTESE DAS TÉCNICAS E INSTRUMENTOS USADOS.....	35
TABELA 2 - ATIVIDADES INCREMENTADAS NO ÂMBITO DO PCT PARA PROMOÇÃO DA CULTURA VISUAL AUDIOVISUAL	38
TABELA 3 - ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PARA A REALIZAÇÃO DOS VÍDEOS/VIDEOGRAMAS.....	39
TABELA 4 – DADOS BIOGRÁFICOS.....	43
TABELA 5 - AUXÍLIOS ECONÓMICOS.....	43
TABELA 6 - EQUIPAMENTO TECNOLÓGICO.....	45
TABELA 7 - USO DA INTERNET E REGULARIDADE DE ACESSO.....	47
TABELA 8 - EXPERIÊNCIA NA REALIZAÇÃO E EDIÇÃO DE VÍDEO.....	50
TABELA 9 - HÁBITOS CINÉFILOS.....	50
TABELA 10 - HÁBITOS CINÉFILOS - ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	51
TABELA 11 - INTERESSE EM REALIZAR MAIS TRABALHOS NA ESCOLA COM RECURSO À TECNOLOGIA VÍDEO.	63
TABELA 12 - INTERESSE EM REALIZAR TRABALHOS COM RECURSO À TECNOLOGIA VÍDEO, FORA DO CONTEXTO ESCOLAR.....	63
TABELA 13 - INTERESSE EM REALIZAR FILMES PARA UM GRANDE PÚBLICO.....	64
TABELA 14 - ATIVIDADE DO TRABALHO DE VÍDEO QUE MAIS GOSTARAM.....	64
TABELA 15 - FILMES REALIZADOS.....	65
TABELA 16 - TIPO DE ABORDAGEM.....	66

1. Introdução

O interesse pelos filmes e pela narrativa audiovisual (vídeo) em geral tem vindo a apresentar um crescimento notável: as salas de cinema enchem e em websites como o Youtube ou o Vimeo proliferam vídeos de inúmeros estilos e origens. A indústria cinematográfica continua forte e o fácil acesso aos instrumentos necessários à realização e difusão domésticas de audiovisual contribui fortemente para a sua popularidade, sobretudo entre os jovens. Este interesse e a facilidade com que os jovens em idade escolar lidam com estas ferramentas constituem um campo de possibilidades que a escola não pode ignorar e que deve ser explorado para atingir os seus objetivos pedagógicos.

O estudo que realizamos decorre do nosso interesse pessoal pela cultura audiovisual e literacia mediática dos jovens adolescentes. Ao longo dos anos, leccionando a disciplina de Educação Visual, pudemos perceber que esta literacia é mínima e que os jovens, salvo raras exceções, estão pouco conscientes das implicações das mensagens audiovisuais em que vivem mergulhados (televisão, publicidade, jogos electrónicos, internet). Não só não estão conscientes destas mensagens, a maior parte das vezes subliminares, como as tomam como 'naturais', desenvolvendo 'naturalmente' um senso comum pouco informado, roçando muitas vezes a alienação. Enquanto educadores/as, a melhor forma de os protegermos contra os excessos desta mediatização, pensamos, é dotá-los de competências que lhes permitam a descodificação destas mensagens.

Assim, a importância deste estudo, do nosso ponto de vista, reside, fundamentalmente, na "educação para os media com os media" (Oliveira, 2009, p. 5575) que possibilita.

O audiovisual integra várias linguagens e esta síntese faz dele uma forma de expressão única e poderosa que obriga a uma educação para o olhar, a um conhecimento dos modos de leitura e a uma aprendizagem dos modos de produção.

O trabalho aqui relatado pretende desenvolver atividades que ajudem os alunos a usar a tecnologia audiovisual digital de forma útil e consciente, a lutar contra a passividade crítica, a desenvolver a criatividade e a capacidade interventiva. Pretende também avaliar qual o impacto destas atividades na educação para a Cidadania, para a Arte e no desenvolvimento da cultura audiovisual na escola.

A sociedade de hoje necessita, cada vez mais, de um maior número de trabalhadores criativos, adaptáveis e inovadores e a escola tem de evoluir de acordo com as novas necessidades. As novas tecnologias digitais, se devidamente enquadradas e apresentadas de forma estruturada, podem contribuir para dotar os educandos destas capacidades, habilitando-os a exprimir-se, avaliar criticamente o mundo que os rodeia e participar ativamente nos vários aspectos da existência humana.

Surge a necessidade de dominar mais metodologias e linguagens, fazer uso de todos os recursos e criar oportunidades de trabalho com diferentes programas e materiais informáticos. Todos pretendemos uma sociedade mais justa e equitativa, mais criativa e culturalmente consciente. Há que promover um consenso, na comunidade educativa e na sociedade, quanto à importância da cultura audiovisual na construção dessa mesma sociedade.

Assim, torna-se necessário contribuir para esse fim, estudando o contributo da tecnologia vídeo/cinema na educação para a cidadania, na promoção das artes e da criatividade, e para o desenvolvimento da cultura audiovisual na escola.

Apesar da inovação e investimento tecnológicos que se têm vindo a verificar bem como do sucesso inquestionável da imagem, do vídeo e do cinema junto dos jovens em idade escolar, este potencial educativo dos meios de comunicação, em especial dos audiovisuais, pelo que é possível perceber pela observação da prática educativa, é ainda pouco explorado.

O trabalho pretende desenvolver propostas pedagógico-didáticas que ajudem os alunos a usar a tecnologia vídeo de forma útil e consciente, procurando uma aproximação crítica aos meios audiovisuais. Propomo-nos observar se a criação, pelos alunos, de pequenos filmes sobre a realidade escolar, a cidade onde habitam, os problemas que os preocupam, contribui para a educação para a cidadania, para a promoção das artes, da criatividade, e para o desenvolvimento da cultura audiovisual na escola. Pretendemos avaliar a importância dos jovens “fazerem” e discutirem comunicação.

Será que estes alunos serão os mesmos depois de dominarem esta tecnologia, depois de passarem de consumidores a produtores?

A hipótese de trabalho que formulamos é que estes alunos, após a experiência de criação de videogramas (pequenos filmes), ficarão mais sensibilizados para o mundo audiovisual que os rodeia, ganharão consciência da sua importância nas suas vidas e aperceber-se-ão das suas possibilidades de participação.

A dissertação encontra-se estruturada do modo que passamos a apresentar.

Nesta primeira secção enunciamos a atualidade e a relevância do tema, expressamos as motivações que estão na origem do estudo, bem como as questões e objetivos do trabalho.

Na segunda secção, abordamos os tópicos temáticos relacionados com o estudo e as nossas intenções, tentando construir um quadro teórico de referência que nos permita discutir os resultados obtidos.

Na terceira secção, apresentamos a metodologia adotada e seguida, justificando as opções, descrevendo o estudo, dando conta do contexto e dos participantes, das técnicas e instrumentos de recolha de dados, dos procedimentos, bem como da abordagem pedagógica estabelecida.

Na quarta secção, apresentam-se e analisam-se os resultados obtidos por ordem temporal de aplicação dos instrumentos, culminando com a análise dos vídeos/videogramas realizados pelos alunos.

Na quinta secção, são apresentadas as principais conclusões fazendo uma breve retrospectiva do trabalho desenvolvido retomando as questões orientadoras e dando-lhes resposta. Finalizamos com algumas sugestões para trabalhos futuros.

2. Problemática

Nesta secção, abordamos os tópicos temáticos relacionados com o estudo e as nossas intenções, tentando construir um quadro teórico de referência: Comunicação e linguagem audiovisual; O poder da imagem na formação de jovens adolescentes; O cinema como instrumento de aprendizagem de valores; Formação de espetadores; Jovens produtores de comunicação; A disciplina de Educação Visual e o Currículo.

2.1. Comunicação e linguagem audiovisual

Vivemos numa civilização da imagem (Debray, 1992). No entanto, a cultura televisiva dominante assenta em formatos que insistem na miséria cultural e em formas de diversão empobrecedoras, na promoção de contravalores e na exaltação da passividade (Ambrós e Breu, 2007). Esta cultura televisiva não facilita o conhecimento do mundo e perpetua uma cultura audiovisual não estruturada e não sistematizada.

Na sociedade da informação todos estamos a reaprender a conhecer, a comunicar, a ensinar e a aprender, a integrar o humano e o tecnológico. Há um convite à inovação, a práticas educativas mais atrativas e motivadoras e que se pretendem mais eficazes (Moran, 2000). O cinema e o vídeo surgem como importantes recursos para uma aprendizagem significativa. Segundo Moraes (2001 citado por Silbiger, 2005) quer o cinema quer o vídeo podem estimular uma forma de conhecimento ao espletarem operações articuladas de memória, atenção, raciocínio e imaginação.

A imagem, seja ela fixa ou móvel, permite-nos sonhar e vivenciar experiências através da imaginação, contextualiza-nos. Permite-nos amar, odiar, temer, desejar, conhecer, possibilita-nos o conhecimento de lugares e pessoas que, de outro modo, seria difícil. No entanto, não basta reconhecer uma imagem, é necessário relacioná-la no seu contexto específico e saber interpretar as suas representações estéticas, simbólicas. Para que assim aconteça, é fundamental o conhecimento de códigos que regem a leitura de imagens e a linguagem audiovisual, só assim se pode usufruir em plenitude e consciência de todo o potencial da imagem. O intenso contacto com as imagens que nos rodeiam em todos os espaços e momentos do quotidiano, proporcionadas pela imprensa, computadores, cinema, televisão, fotografia, obrigam-nos ao uso da linguagem audiovisual para conhecer e entender o mundo em que vivemos.

O encanto característico da imagem provém, como diz Gutierrez (1978), do seu imediatismo. Ainda para este autor, o poder da linguagem audiovisual assenta no facto de transmitir muito mais do que intercetamos, de nos chegar por muitos mais caminhos do que conscientemente percebemos e de encontrar eco em imagens básicas, centrais, simbólicas, com as quais nos identificamos, ou estão relacionadas connosco de algum modo. Estas

potencialidades do audiovisual permitem a sua utilização com recurso ao afectivo, ao sensorial para transmitir e difundir ideias.

A linguagem audiovisual, com o seu poder de comunicação, favorece a aprendizagem mas, é relacionando os conhecimentos adquiridos, comparando-os com a realidade e com conhecimentos pré-existentes, discutindo-os com os colegas, professores, amigos, familiares, que se geram novos conhecimentos, que possibilitam confrontar e reavaliar o mundo em que vivemos. O importante é o hábito de estabelecer uma relação dialética, que permita o enriquecimento do indivíduo através do confronto constante entre a ficção e a realidade (Ferrés, 1996).

2.2. O poder da imagem na formação de jovens adolescentes

A influência das imagens, sobretudo das veiculadas pelos programas de televisão, começa desde cedo, na infância. As histórias infantis outrora contadas pelos pais e pelos avós são substituídas por largas horas de desenhos animados, narrativas muito mais atrativas que as narrativas tradicionais. Este convívio quotidiano com a linguagem audiovisual, quase sempre sem filtro ou acompanhamento por parte dos pais e familiares, envolvidos nas suas vidas dedicadas ao trabalho, acaba por influenciar o comportamento e formação dos jovens. Acresce que este “abandono” familiar leva a criança ou o jovem a uma desadequação dos consumos televisivos como o aumento de número de horas frente ao ecrã, conteúdos programáticos desadequados à idade, uma vez que decidem o que ver, em que momento e por quanto tempo.

Desde o aparecimento da televisão que lhe associamos uma tríplice função: “informar, divertir e educar”. No entanto, pelo que temos vindo a observar nas últimas décadas, são vários os críticos que referem que tal não tem vindo a acontecer. Para eles, a televisão abdicou da sua função de educar, cada vez informa menos e limita-se a divertir, ou mesmo, a alienar as pessoas (Pinto, 2002).

O descontentamento dos jovens com o próprio corpo e com a sua condição social demonstra ser um sentimento crescente, que os media acabam por aproveitar de forma verdadeiramente eficaz para vender os seus produtos. O culto da imagem, a necessidade do ter e do ser (pelo menos parecer) para fazer parte de um determinado grupo ou ideia, formada na cabeça dos jovens pelos media, e por amigos, também eles sob a mesma influência, levam-nos

a refletir sobre o poder dos media e o sobre o que deve ser feito para resistir e combater este domínio sobre uma setor da população tão exposta e vulnerável. Identificamos, frequentemente, sobretudo nestas camadas mais jovens, a busca por uma posição de destaque, de superioridade, de ser conhecido/famoso, necessidade criada pelos media, através dos estereótipos criados e apresentados diariamente (o cantor famoso, a modelo magríssima, o futebolista ao volante do seu carro potente, as festas da moda), ou seja, modelos para “ser feliz”. Os media, sobretudo a televisão, sabem aproveitar este mecanismo (que ajudaram a montar) de forma muito eficaz, para vender os seus produtos. Vemos proliferar programas televisivos, em quase todos os canais portugueses e não portugueses, que incentivam a esta cultura do ter e do parecer (mesmo não o sendo, o que importa é parecer), onde a prioridade é o sucesso, o poder, o dinheiro, sendo a forma mais fácil de lá chegar o ser famoso. Seguindo este conceito, para ser famoso basta aparecer na imprensa, não importa o caminho ou a razão, o importante é aparecer, mesmo que os custos sejam a perda da privacidade e, frequentemente, dos familiares e amigos. Só assim se justifica o sucesso dos chamados reality show, por exemplo, que conquistam grandes audiências (e. g. Big Brother e outros) e nos quais todo o programa assenta na exposição pessoal e no constante apelo à devassa da intimidade.

Os conteúdos programáticos televisivos obedecem às regras impostas pelas audiências, ou melhor, às regras impostas pela triangulação das audiências com a programação e com a publicidade, sendo esta última a fonte de rendimento do negócio Televisão. Assim sendo, para que tenhamos uma sociedade mais equilibrada, mais consciente, menos alienada e consumista, parece-nos premente uma alteração dos gostos e hábitos dos espectadores que são, como sabemos, consumidores ou potenciais consumidores.

Como Diego Machado (sd), defendemos também a necessidade do comportamento crítico. Este autor cita Rosa Fischer (2001, p.45), quando esta narra a palestra do escritor José Saramago:

em sua Aula Magna na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, quando recebeu o título de Professor Honoris Causa, dia 26 de abril de 1999, referindo-se aos modos pelos quais social e historicamente vimos sendo ‘amputados’, impedidos de ser, propôs que nossa resistência talvez seja imaginar que cada um

de nós tem, na verdade, 'três metros de altura', que podemos desejar mais, ir além; que, afinal há algo acima, além, dê-se a isso o nome que se quiser dar.

2.3. O cinema como instrumento da aprendizagem de valores

É na fase da adolescência que o desenvolvimento moral se encontra em pleno processo de formação e de consolidação de valores e normas de conduta. Momento crucial, portanto, para nos direcionarmos, enquanto atores do processo educativo, para a orientação dos adolescentes, tendo em vista a sua autonomia intelectual e moral. A educação para os valores sempre esteve presente na lei de bases do sistema educativo português e na organização curricular, mediante orientações e propostas transversais que garantam a aprendizagem de normas de conduta moral que possibilitem viver e conviver democraticamente. A inclusão no currículo da área curricular não disciplinar de formação cívica veio intensificar a educação em valores e o desenvolvimento da personalidade e da cidadania dos alunos. Nomeadamente, respeitar o ambiente e tudo o que nos rodeia, pensar nos outros, aceitar diferentes pontos de vista, saber escutar, saber intervir, etc. São valores desde sempre trabalhados na escola e que nela encontram mais um espaço de ação.

Todos sabemos que a família, a escola e as instituições religiosas procuraram, desde há muito tempo, ser os principais atores na educação das crianças e jovens. No momento atual, vivemos uma transformação nos valores tradicionais e a sua substituição por outros que emergem desta sociedade contemporânea. Neste contexto, coincidimos com Alba Ambròs e Ramon Breu (2007), quando apontam como motor para toda esta mudança os meios de comunicação de massas e a publicidade, que acabam por influenciar e orientar, assumindo o papel de educadores, de forma constante e ininterrupta. As mensagens veiculadas por estes meios, aliadas à internet e ao telefone móvel, são um apelo persistente e direto às nossas emoções, que, muitas vezes, desconhecemos e não sabemos como gerir. Neste contexto, também concordamos com estes mesmos autores quando realçam as palavras de Eva Bach Y Pere Darder (2007, pag. 26) "Los valores son el norte de las emociones y por tanto del comportamiento humano". Torna-se premente, assim, formar os jovens para a cidadania e dotá-

los de instrumentos que lhes permitam analisar e refletir sobre as próprias emoções e sobre o mundo em que vivem.

O cinema tem uma inegável influência nos valores da sociedade e, desde a sua origem, tem sido um transmissor de conceitos, valores e normas de conduta. Reveste-se mesmo de uma dimensão interventiva e é, por vezes, uma poderosa ferramenta de propaganda, que também pode ser usada de forma errónea, sobretudo quando encontra plateias pouco habituadas ao pensamento crítico e à reflexão. O cinema permite a abordagem de aspetos culturais, históricos, literários e políticos e, neste contexto, torna-se num meio educativo cheio de potencialidades ao constituir-se numa via para a mudança social de maneira reflexiva e crítica.

Pelo que temos vindo a apresentar, o cinema merece um espaço formativo onde possamos aproveitar todo o seu potencial pedagógico e, sobretudo, o seu ascendente sobre os jovens. Em questão de valores sabemos que não podemos agir com os adolescentes como se lhes estivéssemos a ensinar normas ou fórmulas, eles têm de acreditar nesses valores. O cinema aparece aqui como um elemento de certa maneira “neutro”, não sendo o pai, a mãe, nem o professor. Retomando o pensamento de Alba Ambròs e Ramon Breu (2007), o cinema é uma narrativa com personagens que têm contradições, problemas e conflitos que podem ajudar a recolher elementos para reflexão pessoal. Permite também observar e analisar experiências de vida, dependendo das propostas do

Los valores no pueden “enseñarse” apoyados en el criterio de autoridad del educador. Los jóvenes de hoy sólo aceptan aquello que ellos mismos descubren y comprueban. Cualquier enseñanza que no les llegue a través de su propia experiencia la sienten como un atentado a su libertad y la rechazan de inmediato (Almacellas, 2004).

Reforçamos a ideia de o cinema dever ocupar nas escolas o lugar que lhe corresponde como feito cultural de qualidade, destacando os seus valores educativos e culturais, não só como objeto de análise e visualização mas, também, enquanto inspiração/incentivo/motivação para que os alunos desenvolvam as suas próprias narrativas audiovisuais.

2.4. Formação de espetadores

Habrà que explicar al alumnado que sentarse ante una película o cualquier producción audiovisual es un hecho transcendente que merece hacerse con toda la atención del mundo; que no se puede mirar y comer, o mirar y hablar, o mirar e ir al lavabo. Quizá hay que ver menos cosas, pero miralas con mucha más conciencia y atención para entenderlas, para disfrutarlas, para profundizar en su significado (Ambrós e Breu, 2007).

Ao trabalharmos a linguagem cinematográfica com os alunos estamos a proporcionar-lhes o contacto com uma diversidade de linguagens, de imagens, e de filmes diferenciados, levando-os à identificação de outras realidades, ao debate e à reflexão. Com estas ações o aluno vai apurando a sua sensibilidade, o seu sentido crítico e a sua capacidade de autodefesa contra a alienação e influência dos media, que, como já apresentámos anteriormente, têm um enorme ascendente sobre os jovens.

Para os autores Alba Ambrós e Ramon Breu (2007), o analfabetismo mediático é o analfabetismo dos nossos tempos, incompreensível em plena sociedade da informação. Segundo estes autores, por cada ano que passa sem que a cultura audiovisual se ensine nas escolas, sem que se reflita sobre as produções audiovisuais e sem que os alunos tenham a possibilidade de se exprimirem através de imagens e do audiovisual, agravam-se os problemas de interpretação e análise da sociedade contemporânea. Nesta linha, não se formam espetadores críticos sem que se conheça a linguagem audiovisual e a produção do objeto audiovisual: A formação de uma plateia crítica e exigente estará sempre relacionada com o seu nível de conhecimento da linguagem e dos mecanismos de produção audiovisual. Ainda Ambrós e Breu (2007), quando se referem à formação de espectadores, apontam os seguintes objectivos: 1) Educar para tornar possível a visualização de filmes em toda a extensão da palavra. No sentido de romper com o hábito de “devorar” filmes sem os pensar, sem os apreciar tranquilamente e desfrutar das imagens, das propostas visuais, das suas ideias e observações; 2) Formar espectadores mais conscientes e cívicos, com comportamentos perante o cinema como: a) respeitar o silêncio e abster-se de comer nas salas de projecção, b) respeitar e ler os títulos dos créditos - em primeiro lugar porque

assim se respeita o trabalho profissional dos autores do filme, em segundo lugar, porque desta forma o espectador dispõe de mais informação para valorizar o filme que acabou de ver; 3) Independentemente do género, não podemos esquecer as habilidades comunicativas do audiovisual que podem ser reduzidas da seguinte forma: a) desenvolver a capacidade de observação, b) trabalhar a compreensão da história argumental, c) aprofundar a leitura do filme (o que nos disse, como nos disse e porque nos disse), d) olhar para os detalhes que formam um plano, e) ter consciência de como se movem os personagens e das expressões que adotam, f) analisar e acompanhar a evolução e movimentos da câmara, g) aprender como nos podemos expressar através da imagem.

Recuperando o pensamento sobre a influência dos média e o modelo dominante da televisão em que a programação se desenha, estrategicamente, para inserir publicidade com a máxima eficácia e rentabilidade, concluímos que é a publicidade o elemento dominante, é ela que comanda, que unifica a programação e que está presente em todos os momentos, no início, durante e no fim do programa. Temos uma televisão que é um negócio, no qual o cliente é o anunciante e não o espetador.

Há muito que se aspira a um novo modelo de televisão e se acredita que tal é possível, sobretudo com a formação de espectadores. Surge agora uma nova oportunidade com a decadência, cada vez mais visível, dos canais televisivos generalistas. O espetador, com o desenvolvimento da tecnologia e com a multiplicidade de canais, tem agora a possibilidade de escolher o que ver, com que sequência e em que momento. Os visionamentos estão a ser escolhidos terminando com o ritual unidirecional do visionamento passivo, frente ao televisor. Esta oportunidade de renovação, obriga-nos a refletir/agir, de forma mais premente, na necessidade de educar e formar os nossos jovens para que se transformem em utilizadores e espectadores/consumidores exigentes e críticos.

A possibilidade de o modelo televisivo dominante estar a mudar, ou de não haver modelo dominante, pode ser um bom princípio para o futuro, sobretudo se investirmos na formação dos jovens espetadores.

2.5. Jovens produtores de comunicação

A relevância da utilização de meios audiovisuais para comunicação na sala de aula, como recursos educativos que auxiliam e apoiam a abordagem a diferentes temáticas e no incentivo e adesão dos alunos à aprendizagem, tem vindo a ser reconhecida nos inúmeros estudos que têm sido realizados, desde há vários anos. Do mesmo modo, embora mais recente e em menor número, a produção de comunicação pelos próprios jovens/alunos, particularmente no âmbito da linguagem audiovisual, tem vindo a ser objecto de vários estudos (e. g. Costa, 2011; Ferreira, 2011; Nogueira e Oliveira, 2009). O uso dos meios audiovisuais no espaço educativo, para produção de comunicação, aponta para aspetos relacionados com a transversalidade na aquisição de competências, um estímulo/desafio para a escola, professores e alunos. O processo de produção audiovisual inserido no contexto “sala de aula” obriga a alterações na dinâmica e gestão da aula, provoca alterações na postura dos alunos resultantes do seu interesse pelo novo, pelas novas solicitações e responsabilidades a que este trabalho obriga. A postura do professor também não é imune a estas alterações, o ambiente de aprendizagem e clima de aula adquire uma dinâmica completamente nova, repleta de movimento, de intervenções/ações que revolucionam a estrutura “normal” da aula, o que pode levar à sua renovação/ inovação.

Para Martim-Barbero (2000), a relação dos jovens com o audiovisual é uma relação de cumplicidade cognitiva e expressiva, uma vez que é nos sons, na velocidade, nas imagens e segmentações, que encontram o seu ritmo e o seu idioma. A produção audiovisual nos espaços escolares, remete-nos para uma dimensão emotiva, criativa, reflexiva, ligada a valores generalizados que podem levar o aluno, não só a preocupar-se com os aspetos práticos da realização do seu trabalho em vídeo, mas também com a mensagem que quer transmitir, como a que quer transmitir, que efeito pretende nos recetores e se foi eficaz na ação que desenvolveu. O aluno, enquanto produtor de comunicação, obriga-se, simultaneamente, ao papel do observador do trabalho que produz. Segundo Benjamin (1996), o produtor de uma obra de cinegrafia penetra a realidade, adquire novos conhecimentos e novas formas de expressar o imaginário.

Os jovens, nas suas produções videográficas, refletem os valores de uma realidade concreta, conhecida, sensível, numa união de valores e memórias. Esta prática amplia a

possibilidade destes jovens/produtores/comunicadores olharem e refletirem sobre esses mesmos valores. Acresce ainda que a realização videográfica promove o trabalho de grupo e as relações interpessoais, gera visualizações do seu próprio grupo, das suas próprias histórias, como forma de definir identidades e de melhorar a autoestima. Buckingham (2005) sublinha a diferença entre *educar e aprender sobre os médias e ensinar através de ou com os médias*. Este autor considera essencial uma educação que possibilite aos jovens uma visão alargada deste universo mediático que faz parte do seu quotidiano, que lhes dá acesso a “recursos simbólicos” e que lhes permite analisar e interpretar as suas relações e definir as suas identidades. Para o mesmo autor, *a leitura e a escrita* dos média desenvolve nos jovens uma visão e análise críticas, bem como uma inferência, que os obriga a fazer os seus próprios julgamentos enquanto consumidores e exploradores da linguagem mediática, das suas próprias produções.

Enquanto realizadores e produtores de audiovideografias, os alunos descobrem fazendo. Aprendem que o sucesso das suas produções videográficas obriga a um trabalho faseado, planificado, de equipa. Descobrem que têm de elaborar roteiros, definir lugares para as filmagens, estudar o guião para rentabilizar o tempo disponível, estudar as funções necessárias à produção do vídeo, ultrapassar obstáculos, encontrar soluções, gerir eventuais conflitos inerentes ao trabalho em equipa. Esta produção de comunicação e educação mediática desenvolve nos jovens a compreensão e consciência social, bem como o sentimento de pertença dentro de um universo cultural. Nesta linha, as produções dos jovens revestem-se de importância significativa, uma vez que são o instrumento com que se fazem ouvir (Buckingham, 2005). Ainda para este autor, ao professor/educador não cabe o papel de ditar leis ou condicionar os jovens produtores, impondo valores e normas vigentes, devem ser eles, dentro da sociedade a que pertencem, cada vez mais heterogénea, multicultural e com diferentes conceções de moral e tradição, que devem encontrar as suas próprias regras, fazer as suas interpretações, questionar-se e dar a sua opinião sobre o que observam e sentem, de forma criativa, muitas vezes com recurso à arte. Assim, os jovens apropriam-se da linguagem mediática para expressar ideias e analisar sentimentos, formas de estar e valores e usam este meio para comunicar sem limitar ou reduzir essa ação a um trabalho apenas técnico. Neste contexto, o aluno emerge como um sujeito social, cultural, criativo e transformador: “A consciência é uma totalidade complexa formada por cognição, motivações e sentimentos emocionais” (Vygotsky, 1996)

2.6. A disciplina de Educação Visual o Currículo

O Currículo Nacional do Ensino Básico, nas competências Essenciais da Educação Artística, começa por enquadrar as artes como elementos indispensáveis ao crescimento harmonioso do aluno, ao nível da expressão pessoal, social e cultural. Reconhece que estas são forma de saber que articulam imaginação, razão e emoção. Aponta ainda que a vivência artística influencia o modo como se aprende, como se comunica e como se interpretam os significados do quotidiano, contribuindo para o desenvolvimento de diferentes competências e espelhando-se no que pensamos, como pensamos e interagimos com o mundo.

No Ensino Básico, a educação artística desenvolve-se, sobretudo, através de quatro áreas artísticas, presentes ao longo dos três ciclos. São elas: Expressão Plástica e Educação Visual, Expressão e Educação Musical, Expressão Dramática/Teatro e Expressão Físico Motora/Dança. No ciclo, onde incide este estudo, 3º ciclo, o leque de escolhas à disposição do aluno é apresentado no currículo nacional como “alargado”, com a permanência obrigatória da disciplina de Educação visual e a introdução de outra área artística opcional, de carácter obrigatório, de acordo com a oferta de cada escola (Educação Musical, Oficina de Teatro, Dança ou outra). Pelo que podemos observar no terreno, esta oferta de escola está mais dependente do quadro de professores da escola/agrupamento de escolas do que da escolha dos alunos. Resumindo, no 3º Ciclo e para a educação artística, os alunos têm uma carga horária de dois blocos de noventa minutos, no 7º e 8º anos: noventa minutos para a Educação Visual e noventa minutos para a(s) disciplina(s) de oferta. No 9º ano apenas têm uma disciplina com a carga de um bloco e meio (noventa mais quarenta e cinco minutos), escolhida por eles, de entre aquelas que tiveram nos dois anos anteriores. Aqui, a disciplina de Educação Visual passa a opcional. Em suma, se considerarmos que nas realizações plásticas que envolvam, por exemplo, a pintura, numa turma de vinte e oito alunos, será fácil imaginar o tempo que é gasto só para a organização e limpeza do material utilizado e, conseqüentemente, o tempo disponível para desenvolver as muitas competências que se pretendem ver desenvolvidas nesta área do saber.

A Educação Visual é apontada como uma área do saber, que se situa na *interface* da comunicação e da cultura dos indivíduos, tornando-se necessária à organização de aprendizagens, formais e não formais, para apreensão dos elementos disponíveis do universo visual (Ministério da Educação, 2011).

A relação entre o universo visual/audiovisual, os conteúdos (programáticos definidos para a Educação Visual e os constrangimentos de tempo e espaço, obrigam à implementação de dinâmicas pedagógicas de acordo com a realidade da comunidade onde se inserem, com o Projeto Educativo do Agrupamento e com o perfil dos alunos. Foi esta a dinâmica que procurámos para a implementação da experiência pedagógica, onde assenta o nosso estudo. Toda a articulação que desenvolvemos foi concretizada a partir de diferentes âmbitos de decisão, nomeadamente no Conselho Pedagógico, no Departamento/Seção disciplinar e nos Conselhos de Docentes das turmas envolvidas, Foi assim possível articular a ação dos diversos professores, sobretudo dos conselhos de turma das turmas envolvidas, para a elaboração do Projeto Curricular de Turma. Este documento tem como principal objetivo adequar o currículo definido para o Agrupamento ao contexto de cada turma, tendo como base a interdisciplinaridade e a operacionalização das estratégias educativas mais adequadas às características da turma, a fim de dar resposta às especificidades de cada aluno.

3. Metodologia

Nesta secção, apresentamos a metodologia adotada e seguida, justificando as opções, descrevendo o estudo, dando conta do objeto de estudo, questões e objetivos, do contexto e dos participantes, das técnicas e instrumentos de recolha de dados, dos procedimentos, bem como da abordagem pedagógica estabelecida.

3.1. Opções Metodológicas e descrição global do estudo

Esta pesquisa situa-se numa perspectiva qualitativa, no quadro do paradigma de investigação interpretativo e constitui um estudo de caso, com tipologia de caso único de características descritivas (Coutinho, 2005). Desenrola-se em ambiente de investigação ação crítica (Kincheloe, 2008) dada a motivação do estudo, que assenta numa lacuna identificada pela investigadora, durante o seu percurso profissional: leccionando a disciplina de Educação Visual, apercebeu-se que a literacia audiovisual dos alunos/as era mínima e que os/as jovens, salvo raras exceções, estavam pouco conscientes das implicações das mensagens audiovisuais em que vivem mergulhados (televisão, publicidade, jogos electrónicos, internet). Sentiu, portanto, a necessidade de proceder ao presente estudo, no intuito de promover uma “educação para os media com os media” (Oliveira, 2009, p. 5575), dando voz aos/às alunos/as com quem trabalha.

Foi escolhida esta metodologia, então, por se considerar a mais adequada ao assunto em estudo que pretende descrever, analisar e refletir sobre uma experiência pedagógica realizada com alunos do 9 ano de escolaridade (adiante explicitada). A preferência pelo uso de estudo de caso deve acontecer no estudo de eventos contemporâneos, em situações onde comportamentos relevantes não podem ser manipulados, mas onde é possível a observação direta e a realização de entrevistas sistemáticas. Acrescenta-se, ainda, a capacidade de lidar com uma completa variedade de evidências – documentos, artefactos, entrevistas e observações, (Yin, 1989).

Os métodos qualitativos, de acordo com Bogdan e Taylor (1986), obrigam o investigador a um profundo envolvimento no campo de ação dos investigados, uma vez que este método de investigação assenta, principalmente, em conversar, ouvir e permitir a expressão livre dos participantes. Estes mesmos autores referem ainda que a investigação qualitativa, por permitir a subjetividade do investigador na procura do conhecimento, obriga a uma maior diversidade nos procedimentos utilizados na investigação. Nestes métodos de investigação, o estudo de caso é frequentemente utilizado quando não é possível controlar os acontecimentos e, conseqüentemente, não é possível controlar as causas do comportamento dos investigados

(Yin,1994). Por outro lado, segundo Merriam (1998), um estudo de caso deve utilizar-se quando se pretende observar e descrever com detalhe o fenómeno em estudo.

Temos vindo a assistir a uma crescente utilização das abordagens de natureza qualitativa na investigação em educação. A esta opção não será alheia a natureza da própria investigação que, segundo Bogdan e Biklen (1994), apresenta as seguintes características: - a fonte direta dos dados é o ambiente natural e o investigador é o principal agente na recolha desses mesmos dados; - os dados que o investigador recolhe são essencialmente de carácter descritivo; - os investigadores que utilizam metodologias qualitativas interessam-se mais pelo processo em si do que propriamente pelos resultados; - a análise dos dados é feita de forma indutiva; e, finalmente, o investigador interessa-se, acima de tudo, por tentar compreender o significado que os participantes atribuem às suas experiências. Ainda para estes autores, na investigação qualitativa em educação o investigador utiliza principalmente metodologias que possam criar dados descritivos que lhe permitirá observar o modo de pensar dos participantes.

Merriam (1998) caracteriza o estudo de caso qualitativo da seguinte forma: “O estudo de caso qualitativo caracteriza-se pelo seu carácter descritivo, indutivo, particular e a sua natureza heurística pode levar à compreensão do próprio estudo”.

Assim, o estudo realizado envolveu três turmas do 9º ano de escolaridade, na disciplina de Educação Visual, no âmbito do Projeto Curricular das Turmas. Todo o trabalho desenvolvido com os alunos, em Educação Visual, teve o apoio do Conselho de Turma, uma vez que foram delineadas atividades nos PCT (Projeto Curricular de Turma) e PAA (Plano Anual de Atividades), que complementaram esta investigação.

Este estudo consistiu no uso da linguagem cinematográfica e da tecnologia vídeo, em contexto sala de aula, e atividades escolares de enriquecimento do currículo. Os alunos realizaram pequenos vídeos sobre temas diversos e participaram em atividades ligadas ao cinema, à imagem e à comunicação. As atividades foram desenhadas de acordo com as áreas temáticas da disciplina de Educação Visual, de modo a servirem como complemento às aulas desta disciplina, e em conformidade com os objetivos do Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas (PEAE), onde decorreu o estudo.

3.2. Objeto do estudo, intenção, questões e objetivos

O estudo debruça-se sobre a utilização da audiovideografia em contexto escolar, em Educação Visual, no âmbito do Projeto Curricular de Turma, ou seja, o seu objeto de estudo é o uso da linguagem cinematográfica e da tecnologia vídeo, pelos próprios alunos/as, em contexto de sala de aula e de atividades escolares de enriquecimento do currículo.

A sua intenção é observar se a criação de pequenos filmes, pelos/as alunos/as, sobre a realidade escolar, a cidade onde habitam, os problemas que os/as preocupam, contribuem para a educação para a cidadania, para a promoção das artes, da criatividade, e para o desenvolvimento da cultura audiovisual na escola. Pretendemos avaliar a importância dos jovens ‘fazerem’ e discutirem comunicação. Neste entendimento, o trabalho concebe e coloca em prática propostas pedagógico-didáticas que ajudam os alunos a usar a tecnologia vídeo de forma útil e consciente, procurando uma aproximação crítica aos meios audiovisuais.

As questões orientadoras do estudo são as seguintes:

— A criação, pelos alunos, de pequenos filmes sobre a realidade escolar, a cidade onde habitam, os problemas que os preocupam, contribui, de forma significativa, na educação para a cidadania, para a promoção das artes, da criatividade, e para o desenvolvimento da cultura audiovisual na escola?

— Qual é a importância dos/das jovens “fazerem” e discutirem comunicação? Será que estes alunos e alunas serão os mesmos depois de dominarem esta tecnologia, depois de passarem de consumidores a produtores?

A hipótese de trabalho que formulamos é que estes alunos, após a experiência de criação de videogramas (pequenos filmes), ficarão mais sensibilizados para a natureza de ‘artefacto’ do universo audiovisual.

Para tentar dar resposta a estas questões formulamos os seguintes objetivos:

1) dotar os alunos de conhecimentos sobre o código audiovisual (competências de uso, literacia audiovisual) que permitam uma leitura crítica dos produtos videográficos, procurando que se tornem recetores mais sensíveis, reflexivos e críticos;

2) promover o olhar crítico e reflexivo sobre os factos e acontecimentos;

3) incentivar os alunos a usarem a tecnologia audiovisual digital como meio de transmissão das suas próprias mensagens e ideias, procurando contribuir para a formação de cidadãos/comunicadores mais interventivos e mais criativos;

4) contribuir para o desenvolvimento da cultura audiovisual na escola, evidenciando a linguagem audiovisual, tão presente na sociedade contemporânea, como forma de expressão, de produção e veiculação do saber.

3.3. Contexto e participantes

O estudo decorreu numa escola da periferia urbana da cidade de Braga, sendo sede de um Agrupamento de Escolas. Este Agrupamento abrange estabelecimentos do Pré-escolar, 1º, 2º, e 3 Ciclos, com um projeto pedagógico comum, favorecendo um percurso sequencial e articulado dos alunos abrangidos pela escolaridade obrigatória. Os alunos e alunas que frequentam a escola vivem em alguma das oito freguesias que o Agrupamento agrega. Estas freguesias, embora localizadas na periferia da cidade, apresentam, ainda algumas características de ruralidade. Praticamente todos os alunos e alunas completam a escolaridade básica e, não obstante parte da população escolar revelar algumas carências, a avaliar pelos alunos subsidiados, quase todos, após a conclusão do 9º ano, se inscrevem no ensino secundário para prosseguimento de estudos.

Os participantes no estudo foram, para além da professora/investigadora, alunos e alunas de três turmas do 9º ano de escolaridade do Ensino Básico (3º ciclo). Destas três turmas, duas delas tinham 25 alunos e uns 28 alunos, correspondendo, portanto, o número total de alunos envolvidos a 78. Destes, 35 eram meninas e 43 meninos.

A seleção das turmas prendeu-se com o facto de a investigadora ter um conhecimento aprofundado destes alunos e dos conselhos de docentes de cada uma delas, uma vez que leccionava estas turmas desde o 7º ano de escolaridade. Pesou ainda, na opção, o ano de escolaridade, pois a carga horária da disciplina de Educação Visual é ligeiramente superior no 9º ano (mais quarenta e cinco minutos).

3.4. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

Todas as etapas do projeto foram monitorizadas por recurso a diferentes técnicas e instrumentos de recolha de dados.

Privilegiamos a observação, o que não excluiu outras técnicas, uma vez que a utilização de múltiplas fontes de dados na construção de um estudo de caso permite-nos considerar um conjunto mais diversificado de tópicos de análise e, em simultâneo, permite corroborar o mesmo fenómeno (Yin, 1994). Foram considerados três princípios para a recolha de dados segundo Yin (1994): usar múltiplas fontes de evidências, (validação das conclusões); construir, ao longo do estudo, uma base de dados (no estudo de caso a separação entre a base de dados e o relato não é comum, no entanto, essa separação, garante a legitimidade do estudo, uma vez que os dados encontrados ao longo do estudo são armazenados, possibilitando o acesso de outros investigadores); formar uma cadeia de evidências.

Assim, para a recolha de dados foram usadas as seguintes técnicas e respetivos instrumentos: observação participante com registo em diário de bordo; inquérito por questionário e análise documental (ficheiros do diretor de turma e filmes produzidos).

Os dados recolhidos foram tratados por análise de conteúdo (Bardin, 1994) tendo-se recorrido a alguma estatística descritiva nos casos em que a apresentação se tornava mais evidente.

Numa fase inicial, foi consultada a ficha de caracterização de turma, constante no PCT (Projeto Curricular de Turma) de cada uma delas, onde foi possível a recolha de dados relativamente à situação familiar, económica, passado escolar, aspirações futuras, dificuldades e preferências nas matérias escolares (ver anexo A).

Ainda para caracterizar o perfil dos alunos envolvidos, foi aplicado um questionário contemplando a idade, género, posse, frequência e utilização de equipamentos informáticos (computador, câmara fotográfica digital, câmara de vídeo digital, iPod, Mp3 e ligação à Internet). Este questionário serviu ainda para conhecer: a) se os alunos já tinham alguma prática na realização de filmagens ou vídeos; b) quais os equipamentos que tinham usado para filmar; c) com que objectivo/finalidade tinha sido feito o vídeo; d) quais os softwares de edição de vídeo que conheciam e quais os que tinham usado, e ainda e) avaliar as suas preferências e hábitos cinematográficos (ver anexo B).

As atividades foram monitorizadas através do registo permanente das reações, participação e interesses dos alunos, sob a forma de notas de campo. Estes registos decorreram de uma observação participante, recurso utilizado pela investigadora e professora das turmas envolvidas, uma vez que grande parte das atividades foram desenvolvidas em contexto de sala de aula. A observação participante é caracterizada por interações sociais intensas entre investigador e sujeitos, no meio destes, sendo um processo durante o qual são recolhidos dados de forma sistemática, Bogdan e Taylor (1975).

Após a experiência pedagógica foi aplicado um questionário de opinião para avaliar as perceções dos alunos sobre a) o uso da tecnologia vídeo; b) a estratégia pedagógica implementada; e c) eventuais alterações de sensibilidade ou de relação face ao visionamento de vídeos ou filmes (ver anexo C).

Finalmente, os vídeos realizados foram apresentados em sala de aula e feita a sua avaliação pelos autores e restantes colegas (auto e heteroavaliação). Os vídeos foram ainda analisados pela professora e investigadora com recurso a uma grelha construída para o efeito (Oliveira, 2010) e que se anexa ao trabalho (anexo D),

A tabela seguinte (tabela 1) sintetiza as técnicas e instrumentos de recolha de dados usados para dar conta dos objetivos traçados.

Objetivos	Técnicas e instrumentos
1) dotar os alunos de conhecimentos sobre o código audiovisual (competências de uso, literacia audiovisual) que permitam uma leitura crítica dos produtos videográficos, procurando que se tornem recetores mais sensíveis, reflexivos e críticos;	Observação participante com registo em diário de bordo (notas de campo ao longo de todo o processo). Inquérito por questionário (questionário final).
2) promover o olhar crítico e reflexivo sobre os factos e acontecimentos	Observação participante com registo em diário de bordo (notas de campo). Inquérito por questionário e por entrevista. Análise documental (vídeos realizados).
3) incentivar os alunos a usarem a tecnologia audiovisual digital como meio de transmissão das suas próprias mensagens e ideias, procurando contribuir para a formação de cidadãos/comunicadores mais interventivos e mais criativos	Observação participante com registo em diário de bordo (notas de campo). Análise documental.
4) contribuir para o desenvolvimento da cultura audiovisual na escola, evidenciando a linguagem audiovisual, tão presente na sociedade contemporânea, como forma de expressão, de produção e veiculação do saber.	Observação participante com registo em diário de bordo (notas de campo).

Tabela 1 - Síntese das técnicas e instrumentos usados.

3.5. Abordagem Pedagógica

No sentido de educar para a capacidade de “olhar para ver e para reparar” (Saramago, 1995) e usufruir de um filme, contrariando a receção passiva e rompendo o hábito de ‘consumir sem pensar’, a estratégia pedagógica consiste, numa primeira fase e em interdisciplinaridade, numa sensibilização dos alunos para o visionamento de filmes previamente selecionados de acordo com o PCT, que foram objeto de debate e análise na aula de Formação Cívica. Os alunos também participaram em eventos relacionados com cinema e vídeo.

Na aula de Educação Visual, onde foi implementado o projeto, foi realizada uma breve introdução ao cinema, com a disponibilização de um curso sobre realização cinematográfica em formato de objeto de aprendizagem (Oliveira, 2008). Foram realizados pequenos filmes pelos alunos, para os quais foi feita uma preparação prévia, através de pesquisa de elementos, elaboração de sinopse e argumento, de storyboard e construção de várias planificações técnicas. A rodagem e montagem também foram da responsabilidade de cada grupo de alunos, bem como a organização das exposições e debates. Os filmes realizados foram exibidos à comunidade educativa e foi ponderada a possibilidade de difusão na internet (YouTube) se fossem concedidas as autorizações necessárias da parte da escola e dos encarregados de educação.

Para a consecução deste estudo, foi criado um conjunto de atividades que foram desenvolvidas ao longo do ano na disciplina de Educação Visual, abordando conteúdos específicos desta disciplina, em conformidade com o Projeto Curricular de Turma e com os documentos orientadores do agrupamento, Projeto Educativo e Plano Anual de Atividades.

Todo o trabalho desenvolvido com os alunos foi do conhecimento dos respetivos conselhos de turma, que colaboraram na planificação e dinamização de algumas atividades propostas para este projeto, designadamente, nas de enriquecimento do currículo, realizadas para a promoção e desenvolvimento da cultura visual e audiovisual dos educandos. Estas atividades desenvolveram-se ao longo de todo o ano lectivo e, algumas delas, em simultâneo com o trabalho de realização dos vídeos/videogramas. Passamos a descrever essas atividades (quatro atividades).

A primeira atividade a ser realizada, foi uma visita de estudo ao 32º Festival Internacional de Cinema de Animação, em Espinho. Os alunos assistiram a filmes de animação, destinados aos alunos do 2º e 3º ciclos. Para esta atividade, foi feita uma preparação e sensibilização

prévias para o cinema de animação e distribuído um guião com informações sobre o festival e sobre alguns conceitos relacionados com a linguagem cinematográfica. Posteriormente, em sala de aula, foi feita a avaliação da visita aproveitando a visualização do vídeo-clipe do “Sexto Andar”, música da banda portuguesa Os Clã. Criou-se assim a oportunidade para discussão e reflexão sobre as percepções e sensibilidades geradas pela participação no festival. Este vídeo-clipe de animação, dirigido pelo francês Laurie Thinot, foi um dos visionados no Festival de Animação.

A segunda atividade integrou-se na comemoração da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Para esta atividade os alunos desenvolveram trabalhos individuais de expressão plástica alusivos ao tema dos direitos humanos. Muitos destes trabalhos foram desenvolvidos a partir de imagens da imprensa, pinturas emblemáticas, ilustração de alguns artigos da carta dos direitos humanos. Os trabalhos foram expostos no átrio da escola, na semana em que se assinala a data da comemoração da Declaração dos Direitos Humanos. Nesta mesma semana, foram projetados na sala do aluno vídeo-clipes de animação sobre o tema, selecionados de entre os muitos que estão disponibilizados no Youtube . Foi também elaborada uma lista com sugestões de filmes, no âmbito desta comemoração. Esta lista foi divulgada junto dos diretores de turma, no caso de quererem trabalhar o tema com os alunos, com recurso a ‘películas’. Esta lista de sugestões também foi divulgada junto dos alunos.

A terceira atividade consistiu na participação no Concurso Portugal Visto por Nós. Esta participação foi uma oportunidade de aceder à plataforma do concurso e consultar toda a informação e sugestões aí disponibilizadas. Serviu para iniciar os alunos na formação sobre realização cinematográfica, de uma forma autónoma.

A quarta atividade socorreu-se do Concurso de Fotografia Braga a Minha Cidade. Este desafio, lançado a todos os alunos do 9º ano da escola, foi mais um recurso para que os alunos envolvidos neste estudo usassem a imagem fotográfica para desenvolver a criatividade, a capacidade de comunicação, de percepção do mundo e de si mesmos. Os alunos, após as unidades temáticas do papel da imagem na comunicação e os elementos da linguagem fotográfica, foram orientados para, de forma autónoma e nos momentos que considerassem oportunos, procurarem descobrir a cidade onde habitam através da objectiva da máquina fotográfica.

A tabela 2 descreve muito sucintamente as diferentes atividades implementadas para promoção da cultura visual e audiovisual na escola.

Atividade	Recursos e Áreas de Exploração	Calendarização
1 -Visita de Estudo ao Festival Internacional de Cinema de Animação	Guião de apoio à atividade, com breve introdução sobre a história do cinema de animação e alguns conceitos sobre cinema; visualização de filmes, debate e reflexão.	Novembro
2 - Comemoração da Declaração Universal dos Direitos Humanos	Exposição de trabalhos realizados pelos alunos (ilustração de alguns artigos da Carta da Declaração dos Direitos Humanos, releituras de pinturas emblemáticas e de imagens de imprensa). Observação de pequenos filmes de animação e a divulgação/visualização de alguns filmes temáticos: A Lista de Schindler do realizador Steven Spielberg; O Pianista do realizador Roman Polanski; Capitães de Abril - Maria de Medeiros.	Dezembro
3 - Participação no Concurso Portugal Visto por Nós	Acesso à plataforma do concurso para consultar a informação e sugestões aí disponibilizadas (formação sobre realização cinematográfica, sugestões de temas e de links para pesquisa). Envio de dois vídeos para concurso.	Dezembro a Abril
4 - Concurso de Fotografia – Braga a Minha Cidade	Visualização e leitura de imagens fixas. Recolha livre de imagens da cidade. Avaliação, edição e seleção de imagens para concurso, exposição de fotografia para toda a comunidade educativa.	Abril/Maio/Junho

Tabela 2 - Atividades incrementadas no âmbito do PCT para promoção da cultura visual audiovisual

Para a realização dos videogramas, as atividades pedagógicas foram desenvolvidas durante o 2º e 3º períodos e as sessões de trabalho decorreram entre Fevereiro e Junho, tal como ilustra o quadro seguinte (Tabela 3).

Descrição das Atividades	Calendarização
Apresentação do trabalho a desenvolver e objetivos a atingir	Fevereiro
Formação dos grupos de trabalho	
Preenchimento de um questionário relativo ao perfil tecnológico dos alunos.	
Linguagem cinematográfica - Introdução à linguagem audiovisual através da apresentação/discussão de alguns conceitos básicos– planos, ângulos, enquadramentos, movimentos de câmara, composição som, luz/cor; - Visionamento de pequenos filmes para reconhecimento da linguagem audiovisual apresentada e recapitular algumas noções sobre comunicação e imagem- O papel da imagem na comunicação. Relação ente imagem e som, Imagem fixa/imagem em movimento, fotografia.	Março
Formação sobre realização cinematográfica - Acesso à Plataforma Kall para exploração do conteúdo “Realização Cinematográfica” (Portal Pedagógico) - Acesso à página “Portugal Visto por nós” para consulta de informação sobre a	Março/Abril

realização de um vídeo e pesquisa através dos links sugeridos na página para apoio ao trabalho de realização.	
Continuação da formação sobre realização cinematográfica e início da redação do Guião	Abril
<ul style="list-style-type: none"> - As várias fases da construção de um Guião. - Apresentação e discussão das ideias/temas para o trabalho - Início da redação dos guiões (sinopse). - Filmagens de treino 	
Redação do Guião, realização cinematográfica e execução dos trabalhos de vídeo/videograma	Maio
<ul style="list-style-type: none"> - Conclusão dos guiões - Escolha dos cenários - Realização das filmagens 	
Formação sobre edição de vídeo	Maio
<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação e exploração do software Windows Media Player (noções gerais de funcionamento). 	
Montagens dos vídeos/ videogramas	
Divulgação/avaliação	Junho
<ul style="list-style-type: none"> - Visionamento em turma dos trabalhos produzidos - Avaliação pelos autores e restantes colegas (auto e heteroavaliação) 	
Preenchimento do questionário de opinião sobre o trabalho realizado	Junho

Tabela 3 - Atividades desenvolvidas para a realização dos vídeos/videogramas

4. Apresentação e análise dos resultados

Nesta secção são apresentados e analisados os dados recolhidos, por ordem de desenvolvimento do estudo.

4.1. Caracterização socioeconómica das turmas envolvidas

O nosso caso abrange três turmas, uma com 28 elementos (turma X) e duas com 25 elementos (turma Y e Z), num total de 78 sujeitos envolvidos no estudo. Para a caracterização socioeconómica das turmas/alunos envolvidos consultámos a ficha de caracterização de turma usada na escola, constante no PCT (Projeto Curricular de Turma) de cada uma delas.

Como exposto na tabela 4, verificamos que na turma X, com 28 alunos, 54% dos alunos são do sexo masculino e 46% do sexo feminino. Relativamente às idades, apurámos que 4% dos alunos tinham 13 anos, 89% 14 anos e 7% tinham 15anos.

Relativamente à turma Y, com 25 alunos, 52% são do sexo masculino e 48% do sexo feminino. Quanto às idades dos alunos, das três turmas que compõem a amostra, é aquela que apresenta maior discrepância relativamente às idades que oscilam entre os 14 e os 18 anos. Assim, 40% dos alunos tinham 14 anos, 56% 15anos e 4% 18 anos. É de realçar que a aluna com 18 anos veio de outra escola onde frequentava um curso profissional.

A turma Z, também com 25 alunos, 60% do sexo masculino e 40% do sexo feminino. No que respeita às idades dos alunos desta turma, 24% tinham 13 anos, 68% 14 anos e 8% tinham 15 anos.

Em resumo, temos um total de 78 sujeitos, 43 rapazes (55%) e 35 raparigas (45%), 7 com 13 anos (9%), 52 com 14 (67%), 18 com 15 (23%) e 1 com 18 anos (1%).

Dados Biográficos (turma X – 28 alunos)			
Idade	13	14	15
Número de alunos	1	25	2
Percentagem	4%	89%	7%
Género	Masculino	Feminino	
Número de alunos	15	13	
Percentagem	54%	46%	
Dados Biográficos (turma Y– 25 alunos)			
Idade	14	15	18
Número de alunos	10	14	1
Percentagem	40%	56%	4%
Género	Masculino	Feminino	
Número de alunos	13	12	
Percentagem	52%	48%	
Dados Biográficos (turma Z– 25 alunos)			
Idade	13	14	15

Número de alunos	6	17	2
Percentagem	24%	68%	8%
Género	Masculino	Feminino	
Número de alunos	15	10	
Percentagem	60%	40%	

Tabela 4 – Dados Biográficos

Em relação aos auxílios económicos, verificamos que a turma com maior percentagem de alunos subsidiados é a turma Z com 16% de alunos com escalão A e 32% com escalão B, num total de 48% de alunos subsidiados. Seguida da turma Y também com 16% de alunos com escalão A e 28% com escalão B, o que perfaz 44% de alunos com escalão. Por fim, temos a turma X com 28% dos alunos subsidiados, distribuídos equitativamente pelos escalões A e B, o que resulta em 72% dos alunos sem escalão.

Em resumo, temos 12 sujeitos subsidiados no escalão A (15%) e 19 no escalão B (24%).

Relativamente ao meio sociocultural dos alunos envolvidos, a generalidade dos alunos é oriunda de famílias pertencentes à classe média/média baixa. Quanto à escolaridade dos pais, a maioria tem o 6º ou o 9º ano de escolaridade e apenas 13% concluíram o Ensino Secundário ou Ensino Superior. Profissionalmente, a maioria dos pais e mães exerce uma profissão que se insere nos quadros do setor secundário.

Auxílios Económicos (turma X– 28 alunos)			
Escalão	A	B	Sem escalão
Número de alunos	4	4	20
Percentagem	14%	14%	71%
Auxílios Económicos (turma Y– 25 alunos)			
Escalão	A	B	Sem escalão
Número de alunos	4	7	14
Percentagem	16%	28%	56%
Auxílios Económicos (turma Z– 25 alunos)			
Escalão	A	B	Sem escalão
Número de alunos	4	8	13
Percentagem	16%	32%	52%

Tabela 5 - Auxílios Económicos

4.2. Questionário inicial

O questionário foi aplicado no sentido de caracterizar o perfil dos alunos envolvidos, contemplando a idade, género, posse, frequência e utilização de equipamentos informáticos. Serviu ainda para conhecer: a) se os alunos já tinham alguma prática na realização de filmagens ou vídeos; b) quais os equipamentos que tinham usado para filmar; c) com que objectivo/finalidade tinha sido feito o vídeo; d) quais os softwares de edição de vídeo que conheciam e quais os que tinham usado, e ainda e) avaliar as suas preferências e hábitos cinematográficos.

4.2.1. Perfil tecnológico dos alunos

Em relação à posse de equipamentos tecnológicos, 100% dos inquiridos tem telemóvel.

Quanto à posse de computador, 82% alunos da turma X tem computador portátil e 65% tem computador de mesa. Na turma Y, a percentagem de alunos que tem computador de mesa é de 80% e dos que têm computador portátil 72%. Na turma Z, 80% dos alunos têm computador portátil e 64% computador de mesa. Das três turmas, apenas um aluno da turma Z não referiu a posse de computador (portátil ou de mesa).

Em resumo, 69% tem computador de mesa e 78% tem computador portátil, entendendo-se aqui que ter computador portátil significa ter um computador mais recente e atualizado.

No que respeita à ligação de internet, 100% dos alunos da turma X têm ligação à internet, na Y 96% e na Z 92%. Ou seja, temos uma média de acesso à Internet de 96%.

Relativamente à posse de máquina fotográfica digital, 75% dos inquiridos da turma X têm este equipamento. Na turma Y são 76% os alunos com máquina fotográfica digital e na turma Z apenas 52%.

Quanto à câmara de vídeo os valores de posse relativamente a outros equipamentos, descem significativamente em todas as turmas, 40% na turma Z, 35% na Turma X e 16% na turma Y.

Em relação à posse de leitor de DVD, 96% dos inquiridos da turma Y têm este equipamento, seguindo-se a turma Z com 88% e a turma X com 86%.

É de realçar que, à exceção do telemóvel e de quase todas as situações relativas aos aparelhos iPod ou Mp3, os alunos partilham estes equipamentos com familiares.

A tabela 6 e os gráficos seguintes ilustram estas informações.

Equipamento tecnológico - (turma X– 28 alunos)	Sim		Não	
	N	%	N	%
Computador de Mesa	18	65	10	35
Computador Portátil	23	82	5	18
Ligação à Internet	28	100	0	0
Impressora	23	82	5	18
Digitalizador	19	68	9	32
Câmara Fotográfica Digital	21	75	7	25
Câmara de Vídeo Digital	10	35	18	65
Leitor de DVD	24	86	4	14
Aparelhagem de Música	22	79	6	21
Televisão Digital	15	54	13	46
Playstation	17	61	11	59
iPod ou Mp3	25	89	3	11
Telemóvel	28	100	0	0
Equipamento tecnológico - (turma Y– 25 alunos)	Sim		Não	
	N	%	N	%
Computador de Mesa	20	80	5	20
Computador Portátil	18	72	7	28
Ligação à Internet	24	96	1	4
Impressora	22	88	3	12
Digitalizador	16	64	9	36
Câmara Fotográfica Digital	19	76	6	24
Câmara de Vídeo Digital	4	16	21	81
Leitor de DVD	24	96	1	4
Aparelhagem de Música	22	88	3	12
Televisão Digital	17	68	8	32
Playstation	20	80	5	20
iPod ou Mp3	21	84	4	16
Telemóvel	25	100	0	0
Equipamento tecnológico - (turma Z– 25 alunos)	Sim		Não	
	N	%	N	%
Computador de Mesa	16	64	9	36
Computador Portátil	20	80	5	20
Ligação à Internet	23	92	2	8
Impressora	22	88	3	12
Digitalizador	18	72	7	28
Câmara Fotográfica Digital	13	52	12	48
Câmara de Vídeo Digital	10	40	15	60
Leitor de DVD	22	88	3	12
Aparelhagem de Música	20	80	5	20
Televisão Digital	18	72	7	28
Playstation	16	64	9	36
iPod ou Mp3	17	68	8	32
Telemóvel	25	100	0	0

Tabela 6 - Equipamento tecnológico

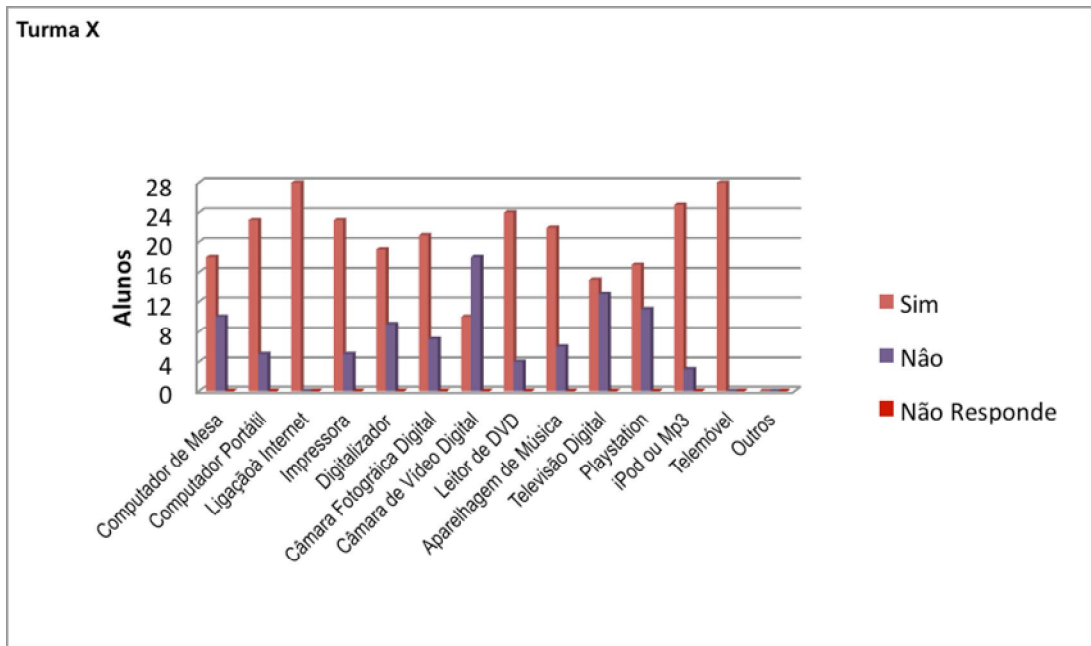


Gráfico 1 - Turma X - Equipamento tecnológico

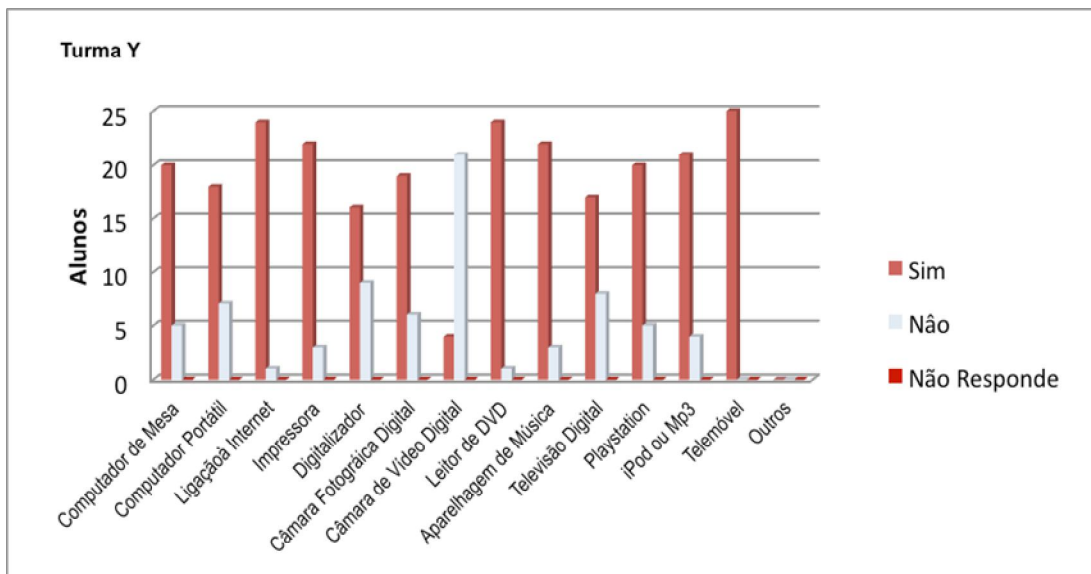


Gráfico 2 - Turma Y - Equipamento tecnológico

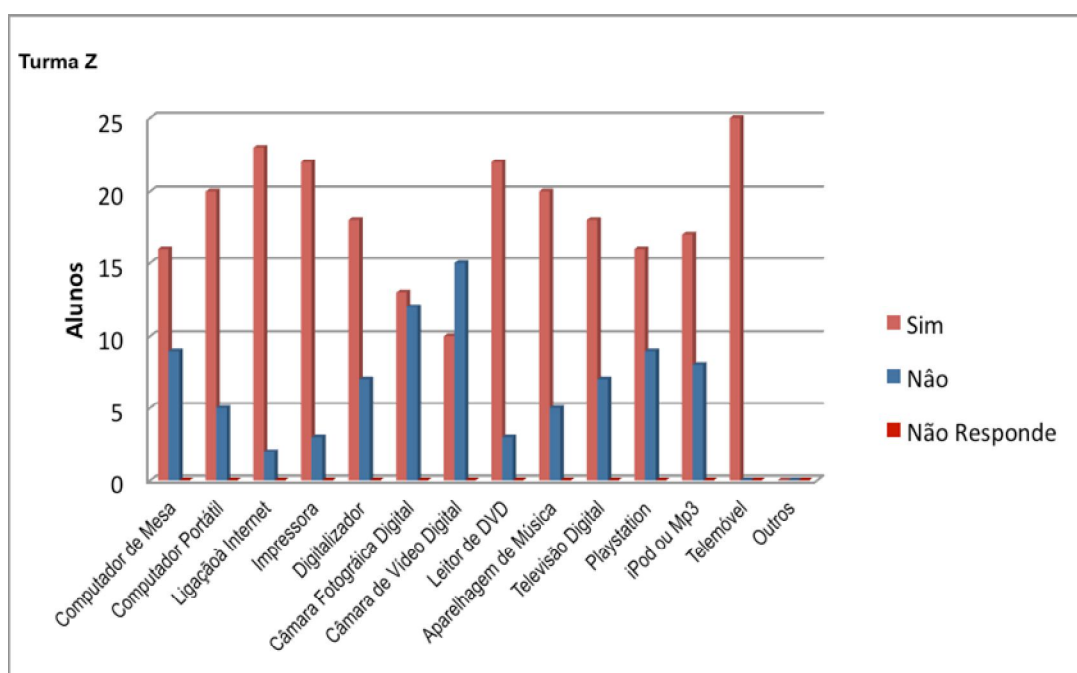


Gráfico 3 - Turma Z - Equipamento tecnológico

Quando questionados sobre o uso da internet, 100% dos alunos referiram usá-la. Quanto à regularidade de acesso, 61% dos alunos da turma X usa a internet todos os dias, seguindo-se a turma Y com 56% e a turma Z com 36% dos alunos a aceder diariamente à internet (Cf. Tabela 7).

Uso da Internet - (turma X– 28 alunos)	Sim		Não	
	N	%	N	%
Usas a internet?	28	100	0	0
Costumas aceder à internet todos os dias?	17	61	11	39
Uso da Internet - (turma Y– 25 alunos)	Sim		Não	
	N	%	N	%
Usas a internet?	25	100	0	0
Costumas aceder à internet todos os dias?	14	56	11	44
Uso da Internet - (turma Z– 25 alunos)	Sim		Não	
	N	%	N	%
Usas a internet?	25	100	0	0
Costumas aceder à internet todos os dias?	9	36	16	64

Tabela 7 - Uso da Internet e regularidade de acesso

Sobre o uso que fazem do acesso à internet, o inquérito revelou que o MSN messenger é o mais utilizado por estes alunos, com 93% dos alunos da turma X, 88% da turma Y seguindo-se

80% da turma Z. O uso do e-mail vem imediatamente a seguir com 75% de utilizadores frequentes na turma X, 72% na turma Y e 64% na turma Z.

Quanto aos valores de frequência e utilização da internet para ouvir música e ver vídeos, temos, respectivamente, 71% e 64% na turma X, 76% e 68% na turma Y e 76% de utilizadores frequentes nas duas opções na turma Z.

O uso da internet para pesquisas gerais e de apoio a trabalhos escolares também apresenta valores de utilização significativos nas três turmas em estudo. Nas pesquisas gerais, os valores apresentados são próximos nas três turmas, 68% na turma X, 60% na turma Y e 56% na turma Z. A utilização da internet para apoio a trabalhos escolares desce significativamente, quando comparamos com as pesquisas gerais, na turma Y, 20% e turma Z com 24%. Tal não acontece na turma X que tem um valor de utilização de apoio a trabalhos escolares de 61%, próximo da utilização para pesquisas gerais.

Verificamos ainda que a internet é pouco utilizada por estes alunos para compra de produtos, usar o MY Space, Participar em fóruns/ grupos de discussão e criar páginas Web, (gráficos 4, 5 e 6).

Ou seja, neste grupo de alunos (as 3 turmas), 87% usa o MSN Messenger, 74% usa a internet para ouvir música e 69% para ver vídeos, das pesquisas que realizam na internet, 36% é para apoio às tarefas escolares. Não a usam, significativamente, para fazer compras online nem para usar fóruns nem para alojar páginas pessoais.

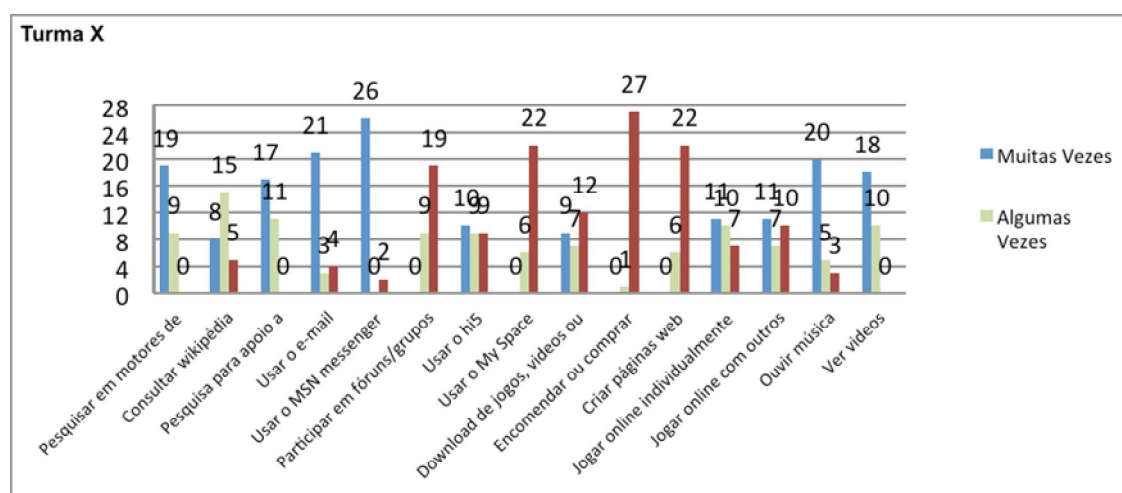


Gráfico 4 - Turma X – Usos da Internet e regularidade de acesso

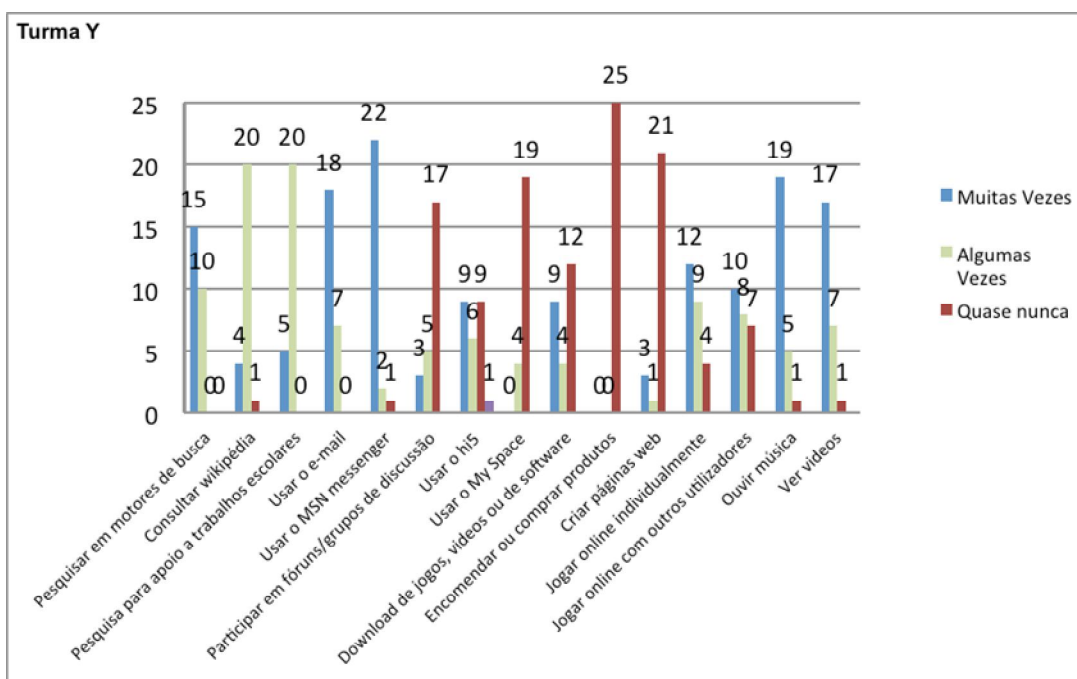


Gráfico 5 - Turma Y – Usos da Internet e regularidade de acesso

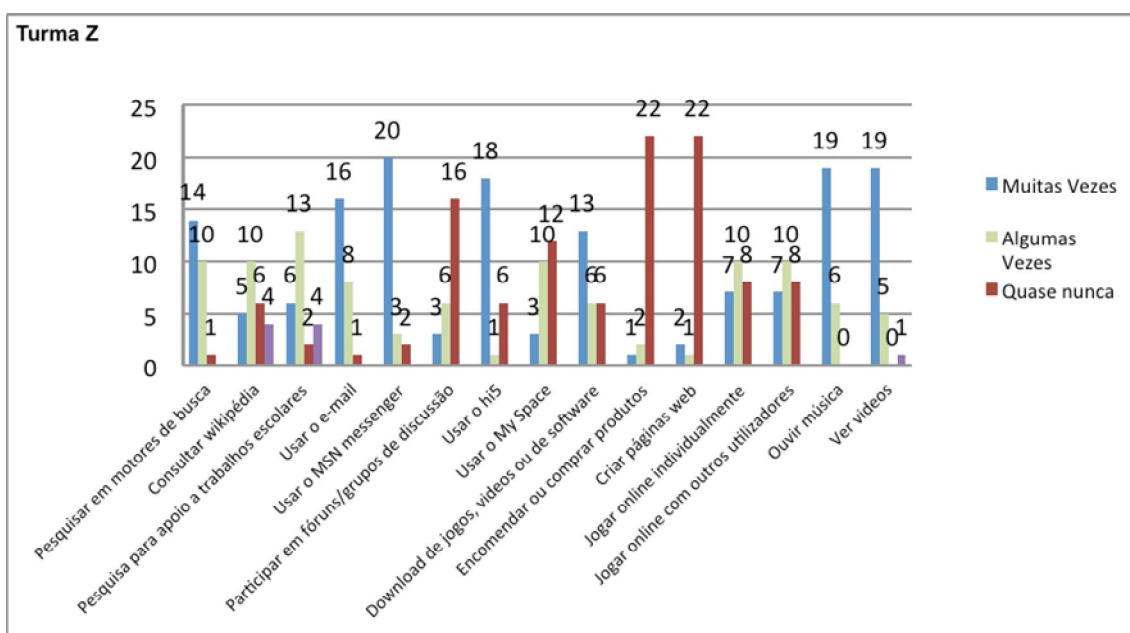


Gráfico 6 - Turma Z – Usos da Internet e regularidade de acesso

Quando se pergunta se já realizaram filmagens, respondem afirmativamente 54% dos alunos da turma X, 84% da turma Y e 76% da turma Z. Quando inquiridos se já editaram algum

vídeo, apenas 18% respondeu afirmativamente na turma X. Nas outras turmas, a percentagem de respostas afirmativas é muito mais elevada, 64% na turma Y e 60% na turma Z.

Ou seja, 71% destes alunos já tinham realizado algum tipo de filmagens e 46% já tinham editado algum vídeo.

Realização e edição de vídeo - (turma X– 28 alunos)	Sim		Não	
	N	%	N	%
Já fizeste filmagens?	15	54	13	46
Já editaste algum vídeo?	5	18	23	82
Realização e edição de vídeo - (turma Y– 25 alunos)	Sim		Não	
	N	%	N	%
Já fizeste filmagens?	21	84	4	16
Já editaste algum vídeo?	16	64	9	36
Realização e edição de vídeo - (turma Z– 25 alunos)	Sim		Não	
	N	%	N	%
Já fizeste filmagens?	19	76	6	24
Já editaste algum vídeo?	15	60	10	40

Tabela 8 - Experiência na realização e edição de vídeo

4.2.2. Hábitos Cinéfilos

Questionados sobre o costume de ir ao cinema, 79% dos alunos da turma X responderam que sim, na turma Y foram 84% as respostas positivas e na turma Z 96%. Quanto aos hábitos de ver cinema em casa, 100% dos alunos das turmas Y e Z responderam afirmativamente, assim como 93% da turma X (apenas um aluno desta turma respondeu negativamente). Temos, portanto, 86% de alunos que costumam ir ao cinema e 97% que costumam ver filmes em casa.

Hábitos cinéfilos - (turma X– 28 alunos)	Sim		Não		Não/R
	N	%	N	%	N
Costumas ir ao cinema?	22	79	1	19	1
Costumas ver filmes em casa?	26	93	1	4	1
Hábitos cinéfilos - (turma Y– 25 alunos)	Sim		Não		Não/R
	N	%	N	%	N
Costumas ir ao cinema?	21	84	4	16	0
Costumas ver filmes em casa?	25	100	0	0	0
Hábitos cinéfilos - (turma Z– 25 alunos)	Sim		Não		Não/R
	N	%	N	%	N
Costumas ir ao cinema?	24	96	1	4	0
Costumas ver filmes em casa?	25	100	0	0	0

Tabela 9 - Hábitos cinéfilos

Sobre a leitura da ficha técnica do filme, apenas 29% dos alunos da turma X o costuma fazer, seguidos de 20% da turma Z e de 16% da turma Y. Já no que diz respeito ao hábito de discutir os assuntos abordados no filme, a situação inverte-se uma vez que é na turma Y onde temos maior percentagem de respostas positivas, 84%, seguida da turma X com 64% e da turma Z com 60%.

Ou seja, temos apenas 22% de alunos que tem por hábito ler a ficha técnica dos filmes e 69% de alunos que costuma discutir os filmes a que assiste.

Hábitos cinéfilos - (turma X- 28 alunos)	Sim		Não		Não/R
	N	%	N	%	N
Ler a ficha técnica do filme	8	29	20	71	0
Discussão com colegas, amigos ou familiares sobre a assuntos abordados no filme	18	64	10	36	0
Hábitos cinéfilos - (turma Y- 25 alunos)	Sim		Não		Não/R
	N	%	N	%	N
Ler a ficha técnica do filme	4	16	21	84	0
Discussão com colegas, amigos ou familiares sobre a assuntos abordados no filme	21	84	4	16	0
Hábitos cinéfilos - (turma Z- 25 alunos)	Sim		Não		Não/R
	N	%	N	%	N
Ler a ficha técnica do filme	5	20	20	80	0
Discussão com colegas, amigos ou familiares sobre a assuntos abordados no filme	15	60	10	40	0

Tabela 10 - Hábitos cinéfilos - análise e discussão

Quanto à periodicidade de assistência a filmes em casa, 29% referem uma assistência entre uma a duas vezes por semana e 27% referem uma assistência semanal entre duas a três vezes, 17% assinalaram a opção entre três a quatro vezes semanais.

Relativamente à periodicidade de ida ao cinema, 31% assinalaram a opção entre uma a duas vezes mensais, 24% vão ao cinema até uma vez por mês, 17% referem uma ida de duas a três vezes, tal como é apresentados pelos gráficos 7, 8 e 9.

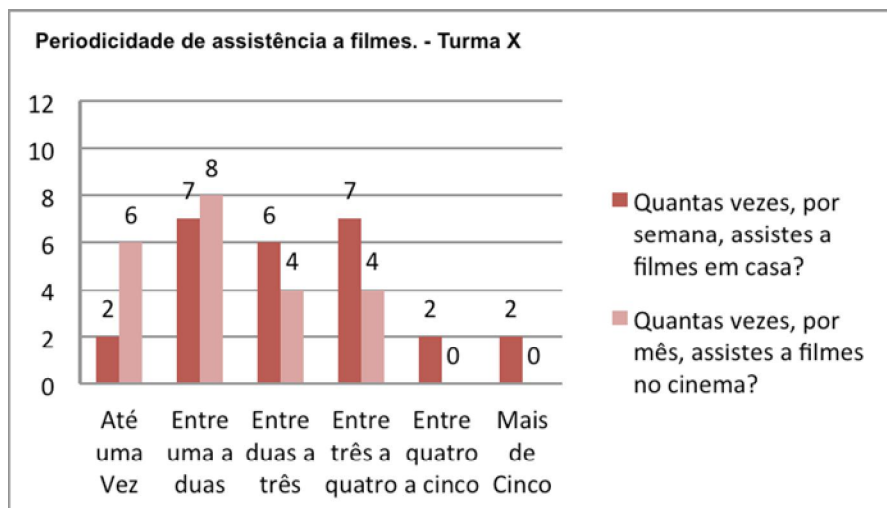


Gráfico 7 – Periodicidade de assistência a filmes

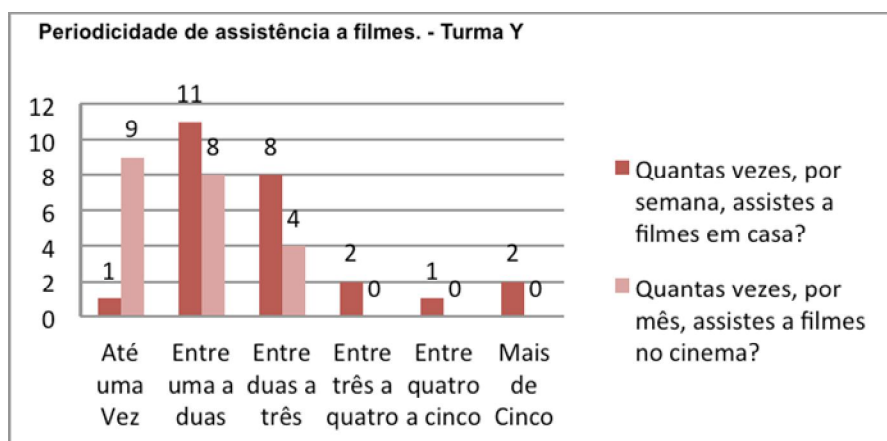


Gráfico 8 – Periodicidade de assistência a filmes

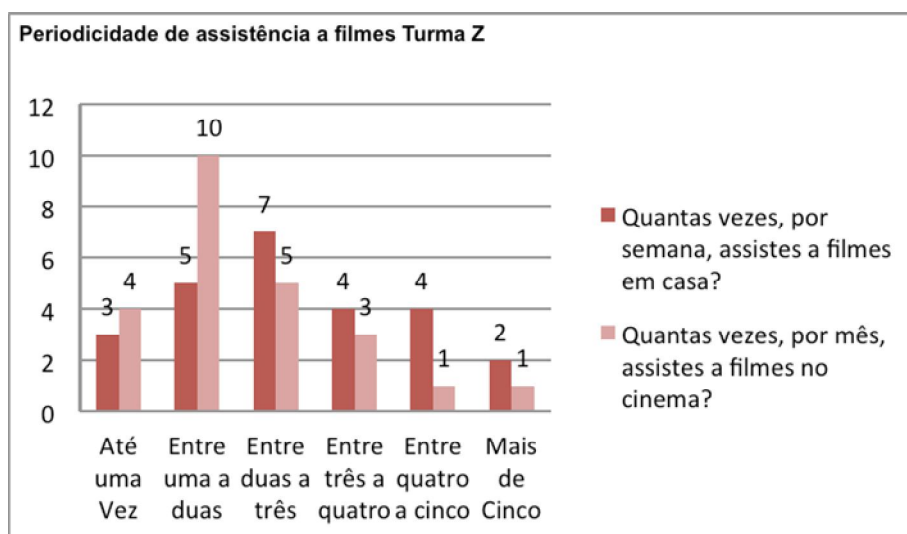


Gráfico 9 – Periodicidade de assistência a filmes

Da análise destas informações podemos concluir que a maioria dos alunos tem equipamentos informáticos e utiliza-os com regularidade, a maior parte utiliza-os diariamente. Idênticas conclusões podemos tirar no que respeita à ligação à internet. A câmara de filmar é dos equipamentos que os alunos menos possuem, salientamos este facto porque se trata de um dos equipamentos necessários para a realização de vídeos. Observamos também, nos resultados obtidos, a elevada utilização de ferramentas como o e-mail, o MSN Messenger e o hi5.

Relativamente à prática com filmagens e edição de vídeo, esta análise leva-nos a concluir que não é uma experiência nova para mais de metade dos alunos que participaram neste estudo. A maioria utilizou o telemóvel, seguindo-se a câmara de vídeo para a sua realização. Quanto à edição de vídeos, constatamos que é uma experiência nova para a maioria dos alunos de uma das turmas e para um número significativo dos restantes.

Quanto aos hábitos cinéfilos dos alunos e atitudes em relação a aspectos relacionados com a visualização de filmes, podemos concluir que a grande maioria dos inquiridos frequenta as salas de cinema, com regularidade, e é espectador de cinema em casa. A visualização de filmes, através da internet, também é uma prática por parte dos alunos do estudo. Concluímos também, que, apesar de serem espectadores assíduos, a maioria destes alunos ignora a ficha técnica do filme. No entanto, têm por hábito discutir assuntos relacionados com os filmes.

4.3. Diário de Bordo/ notas de campo

Uma vez que este estudo foi desenvolvido na prática pedagógica, recorreu-se a um diário de bordo para registo de notas relativas às reações, interesse e participação dos alunos no decurso do projeto.

Na aula de apresentação do projeto, a maioria dos alunos revelou grande curiosidade, questionando a professora sobre as atividades que iriam desenvolver. Esta reação foi semelhante nas três turmas envolvidas no estudo.

4.3.1. Atividades para a promoção e desenvolvimento da cultura visual e audiovisual

Tendo em conta os objectivos deste estudo, foram desenvolvidas ao longo do ano letivo atividades no âmbito da Educação Visual para desenvolvimento da cultura visual e audiovisual (já referidas no capítulo anterior) que serviram de complemento às aulas da disciplina, uma vez que abordavam conteúdos do programa. Passamos a apresentar o desenvolvimento das atividades, seguindo a ordem de realização, bem como os resultados e o empenho e reações dos alunos envolvidos.

4.3.1.1. Visita ao 32º Festival Internacional de Cinema de Animação

A Visita ao 32º Festival Internacional de Cinema de Animação teve como principal objetivo o contacto com o cinema de animação, num contexto de grande projeção mediática como é um festival internacional. Na seleção desta atividade pesou muito o facto de o festival apresentar uma oferta de filmes de animação destinados(a) e selecionados(a), em específico para alunos do 2º e 3º ciclos. Para preparação da visita, foi explicado aos alunos a atuação deste tipo de eventos culturais e realizada uma sensibilização sobre cinema de animação onde se incluíram alguns conceitos sobre linguagem cinematográfica. No dia da atividade, foi distribuído um guião orientador para complemento da preparação da visita e apoio à visualização de filmes. Foi notório o entusiasmo dos alunos. Os filmes visualizados “saíram da tela” e acompanharam-nos durante a viagem de regresso, nas conversas entre eles. Não ficaram indiferentes. Falaram dos temas abordados, do tipo de desenho (depreciando ou elogiando), das nacionalidades dos autores. O filme que reuniu mais reações foi, sem dúvida, o vídeo-clipe de “Sexto andar”, música da banda portuguesa Os Clã. Por este facto, na aula de avaliação da atividade, foi novamente visionado para abertura da discussão e reflexão sobre as perceções e sensibilidades geradas pela participação no festival. Em suma, os alunos gostaram de participar no evento que foi uma forma lúdica de os estimular para uma nova postura, enquanto espectadores, face ao audiovisual.

4.3.1.2. Comemoração da Declaração Universal dos Direitos Humanos

Para esta atividade, os alunos deste estudo desenvolveram, nas aulas de Educação Visual, trabalhos individuais de expressão plástica, explorando várias técnicas e materiais. Imagens retiradas da imprensa, que ilustravam temas alusivos aos direitos humanos, foram a base de inspiração para muitos dos trabalhos desenvolvidos, a ilustração de artigos da carta dos Direitos Humanos e a releitura de obras como Guernica de Picasso, um dos quadros que melhor transmite todo o desespero advindo da guerra, ou as Meninas de Avignon, do mesmo autor, que aborda a exploração feminina, são exemplos trabalhados. Com os trabalhos concebidos, foi realizada uma exposição, na escola, durante a semana em que se comemorou a efeméride. Esta exposição tornou visível todo o trabalho que foi desenvolvido, a pretexto desta comemoração, e de como se pode ensinar cidadania através da arte. De um modo geral, todos os trabalhos revelaram alunos/autores com sensibilidade, sentido estético, criatividade, espírito crítico e vontade de intervir, de mudar o mundo! As reações a esta exposição, por parte da comunidade educativa, foram as melhores, com efeito verdadeiramente motivador nos alunos.

Para concluir esta comemoração, durante a semana, foram projetados na sala do aluno vídeo-clipes de animação sobre o tema, selecionados de entre os muitos que estão disponibilizados no Youtube. Esta seleção foi realizada com o apoio dos alunos envolvidos no estudo, alguns dos quais também colaboraram, de forma muito empenhada e responsável, no apoio à projeção dos vídeos na sala dos alunos. Este recurso ao audiovisual foi outra forma de alertar para o tema, de uma forma leve e subtil, quase como entretenimento. Confirmamos que ‘a mensagem passou’, pelas abordagens dos alunos nas aulas seguintes. Foi ainda sugerido o visionamento de alguns filmes como A Lista de Schindler, O Pianista, Capitães de Abril, entre outros. Estas sugestões foram dadas aos alunos, mas também aos diretores de turma, no caso de quererem trabalhar o tema em Formação Cívica, com recurso a películas. Estas sugestões foram aceites por alguns alunos, que levantaram os filmes na Biblioteca da Escola, que tinham o filme em casa mas que nunca tinham sentido o apelo de o(s) ver, ou que os conseguiram junto de amigos ou familiares. Quanto aos diretores de turma, apenas podemos confirmar o visionamento de um dos filmes, numa das turmas envolvidas no estudo.

4.3.1.3. Participação no Concurso Portugal Visto por Nós

As três turmas envolvidas neste estudo foram inscritas no concurso, através da internet. Neste concurso era pedido aos alunos que fizessem um pequeno vídeo (de cerca de 1 minuto e 30 segundos) onde abordassem um tema à escolha com o objectivo de mostrarem o seu ponto de vista sobre determinado aspecto verificado no nosso país. Para concorrerem, os alunos formaram grupos de trabalho, tal como era pedido no regulamento. O concurso foi apoiado por uma página na internet, divulgada pela professora em Educação Visual, onde estava disponibilizada informação sobre realização cinematográfica, de uma forma muito simples, apelativa e acessível a estes alunos, que, também, assim o consideraram na aula de apresentação. Este facto, permitiu que os alunos iniciassem a formação sobre realização cinematográfica, de uma forma autónoma, nos momentos que consideraram mais adequados.

Compromissos com outros trabalhos e atividades letivas refletiram-se no baixo nível de participação dos alunos no concurso, apenas dois grupos concluíram o trabalho dentro do prazo para envio. Porém, este concurso acabou por orientar/influenciar a realização e os temas dos vídeos desenvolvidos mais tarde, durante as aulas, no âmbito deste estudo, bem como a formação dos grupos de trabalho para os realizar.

4.3.1.4. Concurso de Fotografia - Braga a Minha Cidade

Esta atividade interna foi proposta a todos os alunos que frequentavam o 9ºano, contudo, foi mais um recurso para que os alunos envolvidos neste estudo atingissem os objetivos do projeto. A professora, nas aulas de Educação Visual, desenvolveu as unidades temáticas sobre o papel da imagem na comunicação e os elementos da linguagem fotográfica. Apresentou o concurso de fotografia e, como motivação, apresentou várias imagens, entre elas algumas fotografias de fotógrafos conceituados e, para finalizar, fotografias realizadas por alunos, em anos anteriores. Foi visível o impacto que as fotografias realizadas por alunos causaram nas turmas. De repente, estava tudo ao alcance deles! As perguntas sucederam-se em catadupa, em todas as turmas, sem exceção. Qual o tema, o que fotografar, que máquina podiam usar, quanto tempo tinham, se podiam usar Photoshop, com quantas fotografias podiam concorrer, etc., etc. Esclarecidas todas as dúvidas e apresentado o regulamento do concurso, os alunos foram

orientados para que, de forma autónoma, se aventurassem na cidade com a máquina fotográfica, procurando registar tudo o que considerassem belo ou interessante.

Esta atividade decorreu em simultâneo com a realização dos vídeos. Muitas fotografias foram tiradas durante as filmagens que se realizaram na cidade, outras durante passeios familiares, durante a participação da escola em atividades, como o desfile Braga Romana, ou visitas a museus. Foram reservados alguns momentos em aulas de Educação Visual para que a professora acompanhasse o trabalho que ia sendo realizado pelos alunos, como a edição e seleção das imagens para concurso. Momentos que serviram para sugestões e críticas ao trabalho que ia sendo desenvolvido pelos alunos, e que eles muito apreciaram.

A adesão dos alunos e a qualidade dos trabalhos apresentados excedeu as expectativas. Nunca uma exposição de fotografia na escola teve tanta qualidade. Acreditámos que esta qualidade resultou de todo o trabalho realizado ao longo do ano no âmbito da cultura visual e do audiovisual, e foi com satisfação que vimos a atribuição dos dois primeiros prémios a alunos envolvidos neste estudo.

4.3.2. Atividades desenvolvidas para a realização dos vídeos/videogramas

Nas aulas de apresentação do projeto para realização dos vídeos/videogramas, a preocupação dos alunos prendeu-se com aspectos práticos, tais como, organização dos grupos para a realização dos trabalhos, transporte, tempo. Já tinham sentido essa dificuldade em atividades anteriores, sobretudo nos trabalhos de grupo. A turma Y foi a que maior preocupação revelou: “Fazer um vídeo é difícil”, “ não tenho máquina de filmar”, “ninguém da turma mora perto de mim”.

Procurou-se atenuar as preocupações e elevar o quanto iriam aprender com a realização do trabalho. A formação de grupos teve o cuidado de juntar alunos que vivessem próximo uns dos outros, que tivessem afinidades e interesses comuns.

A introdução à linguagem cinematográfica revelou-se fácil, já lhes era familiar, resultado de atividades anteriores. Tinha muitas semelhanças com a linguagem fotográfica (planos, enquadramentos, composição luz/cor), de que também já tinham ouvido falar. Os alunos envolveram-se nesta fase do trabalho, colocando questões, pesquisando, fazendo referências a

situações que já tinham reparado em filmes e discutindo/comparando o que iam observando nos pequenos filmes projetados como exemplos.

Na altura em que iniciámos as aulas para a formação sobre realização cinematográfica, verificou-se um problema no sinal de rede de internet em alguns espaços da escola, onde se incluía a sala de Educação Visual (EV). Ponderou-se o uso da sala de TIC, mas esta encontrava-se indisponível nos horários em que as turmas tinham a disciplina de EV, impossibilitando assim o recurso à internet diretamente e pelos alunos, em sala de aula. Para contornar esta situação, a professora, através do seu computador com acesso a internet móvel, acedia às páginas com os conteúdos sobre realização cinematográfica e projetava-as em tela para toda a turma. Incentivava os alunos a que, autonomamente, pesquisassem em casa, na sala de TIC ou biblioteca da escola.

Foi na fase de construção do guião, que os elementos dos grupos que se formaram para este projeto, começaram a reunir e a trabalhar em conjunto. Cada grupo escolheu um porta-voz que seria o responsável por fazer o ponto de situação junto da professora.

Começaram a aparecer as primeiras ideias e temas para os filmes, tendo sido dada liberdade total de escolha. Esta escolha não se revelou fácil. Para ajudar, a professora sugeriu que fossem anotadas todas as propostas que surgissem em cada grupo, e escolhida aquela que reunisse maior aprovação entre eles. Todos tinham de sentir que estavam perante uma atividade coletiva, com o mesmo objetivo, com cedências e responsabilidades.

Os alunos foram-se apercebendo que o produto final do trabalho (vídeo), seria determinado por esta fase do trabalho. O documento que estavam a elaborar seria, tal como o seu nome indica, o “guia” de todo o trabalho, tinha de ser bem pormenorizado. Para facilitar estas tarefas foram elaboradas fichas de apoio ao desenvolvimento do trabalho. (anexo E, anexo F).

À medida que foram construindo o guião, surgia a necessidade de se ir pensando na realização dos vídeos em termos mais concretos e funcionais, como o momento e local das filmagens, conseguir uma máquina de filmar, distribuição de tarefas entre os vários elementos dos grupos, etc. Alguns grupos iniciaram, nesta fase, filmagens de treino. Estas filmagens foram partilhadas com o grupo turma e permitiram alertar para erros mais comuns, como a imagem na horizontal, imagens muito tremidas, filmagens em zonas barulhentas com demasiados ruídos de fundo.

Terminados os guiões, seguiu-se a recolha de imagens o que aconteceu com alguma dificuldade devido às atividades letivas e extracurriculares dos alunos que lhes deixavam muito pouco tempo livre, comum aos elementos dos grupos. As imagens recolhidas eram apresentadas na aula, onde se ia fazendo o acompanhamento dos trabalhos que estavam a ser desenvolvidos por cada grupo. Nesta fase de filmagens foi notória a evolução dos alunos relativamente ao “aprender a ver” e à forma como se iam disciplinando.

A partilha de experiências foi uma constante em todas as aulas, não só a nível técnico, mas também no relato de episódios que surgiram durante as filmagens. O mais comum era relacionado com o receio que as pessoas tinham em ser filmadas, porque receavam o uso indevido das imagens. Esta situação foi uma oportunidade de debater e refletir sobre o direito à imagem e privacidade de cada um / pessoa, imagens autorizadas e não autorizadas.

Na fase de edição/montagem dos vídeos/videogramas, em que quase todos optaram pelo Windows Movie Maker, verificamos como os alunos interiorizaram a ideia de que ao realizarem um vídeo estavam a “construir realidades”. O cuidado na seleção das imagens e na escolha da música, ou ausência dela, foram exemplos reveladores do quanto os alunos estavam conscientes que estavam a produzir algo com uma intencionalidade: seduzir o espectador.

A conclusão dos trabalhos coincidiu com o final de período, momento muito complicado para estes alunos: começou com as visitas de estudo às escolas secundárias da cidade, no âmbito da orientação vocacional e profissional, a preparação para os exames nacionais de Língua Portuguesa e Matemática, final de ciclo, preparação para mudarem de escola, de deixar os colegas de muitos anos, preparar a festa e livros de finalistas. Enfim, não conseguimos deixar de admitir que todo este quadro acabou por influenciar o desenvolvimento e acompanhamento dos trabalhos, bem como a sua finalização. Verificámos a substituição de filmagens por associação de imagens fixas (tipo diaporama) e o incumprimento de entrega de alguns. Não obstante estes casos, foi com agrado que verificámos o esforço e o trabalho da maioria dos alunos para cumprirem o compromisso que tinham assumido, enquanto grupo, uma vez que se tratava de uma atividade que obriga ao trabalho de grupo.

Apesar de toda a agitação de final do ano, o momento de apresentação dos filmes à turma foi vivido com intensidade e emoção por todos, mesmo por aqueles que não conseguiram terminar o trabalho. A sala de aula transformou-se num mundo onde coexistiam realizadores,

críticos, espectadores, comunicadores. Os papéis invertiam-se à medida que se sucediam as apresentações, por vezes coincidiam no mesmo aluno/grupo.

De uma maneira geral, os alunos foram tolerantes com as falhas técnicas dos filmes dos colegas, porque todos tinham passado pela experiência da realização do filme. Sabiam muito bem como é difícil conseguir um som de voz audível que não estivesse “abafado” pelos ruídos de fundo, como custava segurar uma máquina de filmar com mão firme, unir na perfeição a imagem e o som. Aprenderam através da prática. Tinham vivido as mesmas emoções e as mesmas dificuldades. Quando estavam perante um filme com alguma qualidade técnica, reconheciam-no, reagindo positivamente e com admiração. Contudo, em várias situações, quando se tratava do filme deles eram menos tolerantes, não se sentiam tão confortáveis, sentiam-se expostos, acrescentavam desculpas para explicar o que estava menos conseguido. Neste ponto, foram mais críticos e exigentes na autoavaliação.

Foram vários os episódios durante as apresentações/avaliações dos filmes que nos permitiram observar o quanto estes alunos cresceram em autonomia, sentido crítico, em conhecimento do código audiovisual, em exigência. Desses episódios destacamos dois exemplos que passamos a apresentar.

Um dos grupos, formado apenas por rapazes, na sua maioria bons alunos e em cujo trabalho tínhamos grandes expectativas, desde que apresentou as primeiras ideias e começou a fazer o guião, este foi um dos grupos que não conseguiu gerir toda a pressão e trabalho que se verificou no final do ano e não conseguiu realizar o vídeo, cujo tema era o “desenrascanço” e que abordava a capacidade de contornar situações do povo português. O grupo, fazendo jus ao tema, contornou a situação com a realização, em tempo record, de um diaporama com o mesmo tema, usando imagens retiradas da Web. A professora teve um breve contacto com o trabalho antes da apresentação: tratava-se de um conjunto de imagens ilustrando situações de improviso e algo caricatas, como uma máquina velha adaptada a churrasqueira, um cartoon de um casal, num quarto, em que a mulher olha muito espantada para uma meia a servir de preservativo, uma viga a servir de macaco de automóvel, entre várias. As imagens eram acompanhadas de comentários de cariz pretensamente humorístico mas, numa ou outra situação, acabavam por ser um pouco grosseiras/brejeiras e de mau gosto. Foi ponderada a não apresentação em turma mas, após a hesitação inicial, entendemos que o melhor seria ver a reação dos alunos, eles seriam os críticos.

A reação da turma foi, inicialmente, de alguma inquietação, não sabiam muito bem como reagir. Com o decorrer da projeção foram adotando uma postura fria, ausente de comentários, algo reprovadora. Esta reação da turma teve efeitos imediatos nos autores, o desconforto foi comum a todos os elementos do grupo, não só porque o trabalho não tinha tido o efeito pretendido, no público, mas também neles mesmos. O que lhes pareceu boa ideia no calor da decisão e da galhofa do grupo, ali, naquele contexto, não se adequava. Não foi necessária grande intervenção crítica da professora (para além da ‘cara de poucos amigos’ demonstrada).

O segundo exemplo que apresentamos resultou de um trabalho individual, inicialmente pedido pelo professor de Educação Moral Religiosa Católica (EMRC) aos alunos, para que realizassem um trabalho em que se identificassem e apresentassem o seu projeto de vida. Uma vez que alunos deste estudo estavam inscritos na disciplina, alguns deles decidiram utilizar o vídeo como meio para realizar o trabalho. Um desses vídeos, apresentado na aula de Educação Visual a toda a turma, composto por imagens que respeitaram a linha de vida da aluna, foi daqueles que mais cativou. A autora seduziu completamente toda a turma com o vídeo que apresentou. A escolha das imagens, dos efeitos, da música tinham uma intencionalidade, criar uma imagem, a imagem que ela queria que tivessem dela e que, muito provavelmente, seria coincidente com a perceção que tinha de si mesma. Ao escolher algumas imagens dos momentos da sua vida, ao selecionar, ela já estava a construir a realidade que pretendia dar a conhecer. A escolha da música “Quem és Tu Miúda?”, do grupo Os Azeitonas, uma música do momento, muito popular entre os jovens e com um título que encaixa perfeitamente na temática do vídeo, foi feliz, mas também reveladora do quanto tudo foi pensado e intencional no trabalho.

4.4. Questionário final

O questionário final procurava averiguar da reação e perceções dos alunos sobre o uso da tecnologia vídeo, sobre a estratégia pedagógica implementada e eventuais alterações de sensibilidade ou de relação face ao visionamento de vídeos ou filmes. (ver anexo C).

A primeira questão perguntava aos alunos se tinham gostado do trabalho de realização do vídeo, pedindo uma justificação sobre a resposta dada. 97% (tenho de confirmar) dos alunos do estudo afirmaram ter gostado da experiência. Quando solicitada uma justificação para a afirmação anterior, o adjetivo “divertido” foi o mais utilizado, seguido de “interessante”. Por

vezes, apareciam na mesma frase sendo o exemplo mais comum “foi um trabalho muito interessante, divertido e aprendemos muitas coisas”. No geral, usaram frases curtas: “divertido, aprendemos muito, interessante”; “engraçado e original”; “gostei de fazer entrevistas”; “fiquei a conhecer melhor a turma”; “aprendemos muito”; “ aprendi muito e tive a sorte de trabalhar com quem gosto”; “porque é bom ter experiências novas”. Três alunos responderam negativamente à questão, na justificação da sua resposta, dois referiram que “dá muito trabalho” e outro “tínhamos muitos trabalhos e foi difícil arranjar tempo para nos envolvermos ao máximo”.

Na segunda questão, pedíamos que indicassem dois aspetos negativos e dois aspectos positivos na realização do trabalho de vídeo. Foram vários os alunos que apenas responderam à questão dos aspectos positivos, onde a resposta mais comum era relativa à aprendizagem realizada, relativamente ao(s) programas de edição de vídeo, ao manuseamento da máquina de filmar, e ao assunto relacionado com o tema do vídeo, bem como o convívio proporcionado: “Deu-nos imensa piada realizar o vídeo”; “estávamos em grupo, a conviver”; “perdemos a timidez para falarmos com as pessoas desconhecidas que queríamos entrevistar”; “ficamos a saber a opinião de algumas pessoas”; “o contacto com as pessoas”; “ficámos a perceber os pormenores da realização de um filme, ficamos mais atentos aos seus defeitos e qualidades”; “foi dos trabalhos mais originais e divertidos que fizemos”; “permitiu aprender de forma divertida”.

Relativamente aos aspectos negativos na realização deste trabalho, a grande maioria dos alunos não respondeu, ou respondeu “não houve”. Aqueles que responderam, indicaram aspectos como: o mau tempo; a falta de tempo; “pessoas que recusaram ser entrevistadas”; problemas técnicos com o material (um grupo); problemas com o som do vídeo (indicado por quatro alunos que pertenciam a grupos diferentes).

Na questão seguinte, perguntando se gostariam de desenvolver mais projetos na escola com recurso à tecnologia vídeo, 97% dos alunos responde afirmativamente. Quando solicitada uma justificação para esta afirmação, obtemos respostas como: “porque posso melhorar e isso será bom para mim”; “projetos destes são necessários”; “porque posso melhorar a minha forma de trabalho”; “porque é uma boa forma de aprender”; “porque são inovadores e é uma matéria que os alunos gostam”; “ porque este tipo de trabalho é muito fixe e importante para os nossos conhecimentos”; “porque gostei bastante desta primeira experiência”; “Porque adoro as

tecnologias, principalmente de fazer vídeos”; “é trabalhoso”; “porque gostei da experiência”; “porque gosto de computadores e de fazer vídeo”.

Em suma, os alunos gostaram da experiência, consideraram-na atrativa e um bom método de aprendizagem, como se pode ver na tabela 11.

Alunos	Sim		Não		Não/R
	N	%	N	%	N
Turma X – 28 alunos	27	96	1	4	0
Turma Y - 25 alunos	24	96	0	0	1
Turma Z – 25 alunos	25	100	0	0	0
Total	76	97	1	1	–

Tabela 11 - Interesse em realizar mais trabalhos na escola com recurso à tecnologia vídeo.

Quando se perguntava se pretendiam realizar, futuramente, filmes noutros contextos/situações, obtivemos 68% de respostas afirmativas, este valor descendo relativamente ao interesse de usar o vídeo em projetos da escola. Nesta questão, foi pedida justificação no caso da resposta ser afirmativa. A maioria dos alunos que justificaram a resposta, referiram apenas o interesse da sua utilização fora do contexto escolar, nos chamados “filmes caseiros”, nas brincadeiras com os amigos, acontecimentos festivos, sobretudo durante as férias, por terem muito mais tempo livre.

Alunos	Sim		Não		Não/R
	N	%	N	%	N
Turma X – 28 alunos	21	75	4	14	3
Turma Y - 25 alunos	15	60	10	40	0
Turma Z – 25 alunos	17	68	7	28	1
Total	53	68	21	27	4

Tabela 12 - Interesse em realizar trabalhos com recurso à tecnologia vídeo, fora do contexto escolar.

Na questão seguinte inquiríamos se gostariam de criar filmes para publicar e serem apreciados por um grande público. Responderam afirmativamente 64% dos inquiridos e 29% respondeu negativamente à questão (tabela 13). Obtivemos muito poucas respostas ao pedido de justificação nesta questão. Os alunos que responderam afirmativamente referiram, sobretudo, o interesse pela tecnologia vídeo, o gostar de agradar ao público, o prestígio e o benefício financeiro que esta atividade poderia proporcionar. Os que justificaram a resposta negativa referiram, quase todos, o receio em expor-se para um grande público, o receio de falhar.

Alunos	Sim		Não		Não/R
	N	%	N	%	N
Turma X – 28 alunos	18	64	7	25	3
Turma Y - 25 alunos	15	60	10	40	0
Turma Z – 25 alunos	17	68	6	24	2
Total	50	64	23	29	5

Tabela 13 - Interesse em realizar filmes para um grande público

Quando se perguntava se os pais/familiares tinham apoiado o trabalho realizado, todos os alunos responderam afirmativamente. No que diz respeito a entraves ou condicionantes colocados pelos pais, apenas foi dada uma resposta positiva indicando a condicionante do transporte/deslocação. Estamos em condições de afirmar que este trabalho teve o apoio e aprovação dos familiares.

A questão seguinte questionava sobre o momento de realização de vídeos que mais gostaram. Nesta questão não foi dado limite para o número de respostas a assinalar. Pela análise da tabela 14 podemos verificar que a fase que os alunos mais apreciaram foi a montagem e edição de vídeo com 65% dos alunos a assinalar esta opção, seguida da recolha de imagens com 49%. A opção menos escolhida foi a fase de planificação. Assim, as fases mais práticas e que envolvem diretamente os meios tecnológicos, foram as preferidas pelos alunos.

	Sim	
	N	%
Planificação (apresentação de ideias, pesquisa, elaboração de guiões)	7	9
Recolha de imagens	38	49
Montagem/edição de vídeo	51	65
Do resultado	31	40
De todas as fases	22	28

Tabela 14 - Atividade do trabalho de vídeo que mais gostaram.

De seguida, perguntava-se se depois da realização deste trabalho, se sentiam mais sensíveis e atentos ao visionamento de vídeos/cinema. 97% dos alunos respondem que sim. Um aluno assinalou a resposta não e outro não respondeu.

Na questão seguinte perguntávamos aos alunos se consideravam o vídeo um bom recurso para apresentar ideias e trabalhos. 100% dos inquiridos respondeu que sim.

Em suma, os alunos apreciaram muito o trabalho de realização de vídeo, consideraram-no interessante, consideraram que favorece o trabalho de grupo, as relações de amizade e que obriga ao contato com outras pessoas. Consideram ainda que é um método de trabalho atrativo, uma experiência nova e necessária. Uma boa forma de aprender e de fazer valer as suas ideias. Quase todos os alunos pretendem dar continuidade a este tipo de trabalho na escola. Concluímos também que foi um projeto que teve o apoio e concordância dos pais. Podemos ainda concluir, que depois de realizado este projeto, os alunos reconhecem estar mais sensíveis e atentos face ao visionamento de vídeos/filmes.

4.5. Análise dos vídeos/videogramas

Foram analisados catorze vídeos (tabela 15), dos dezasseis inicialmente previstos. Dois grupos não conseguiram concluir o trabalho em tempo útil (O Conceito de Beleza e A Minha Geração). Foi feita a apreciação crítica de todos os trabalhos, com auxílio de uma grelha de análise que prevê o tipo de abordagem, os aspectos evidenciados, os media usados e o tipo de audiovisual (em Oliveira, 2010).

Grupo	Título do Filme
Grupo 1X	Vitórias e Derrotas
Grupo 2X	Gangues de Rua
Grupo 3X	Futebol
Grupo 4X	Pessoas que Dão a Sua Vida Pelos Outros
Grupo 5X	Desenrascanço
Grupo 6X	Sem Cenas
Grupo 1Y	Alcoolismo na Adolescência
Grupo 2Y	Os Jovens de Hoje e de Antigamente
Grupo 3Y	Diferenças Entre os Fins de Semana de Hoje e de Antigamente
Grupo 4Y	À Margem da Sociedade
Grupo 1Z	Os Fins de Semana no Passado e no Presente
Grupo 2Z	Arte Urbana
Grupo 3Z	Rap
Grupo 4Z	Relações Entre Pais e Filhos

Tabela 15 - Filmes realizados

4.5.1. Tipo de abordagem

Os vídeos analisados exibem diferentes tipos de abordagem como o documentário descritivo/expositivo, a ficção inspirada em programa televisivo, ficção e encenação de situações e a reportagem com entrevista/depoimento. A opção por estas abordagens resultou, julgamos, da inspiração na experiência televisiva, a experiência de audiovisual mais quotidiana e regular, como é sabido. A tabela 16 dá conta destas abordagens por vídeo realizado.

Grupo	Título do Filme	Tipo de abordagem
Grupo 1X	Vitórias e Derrotas	Ficção
Grupo 2X	Gangues de Rua	Reportagem/entrevista Estilo formal humorístico
Grupo 3X	Futebol	Documentário/Entrevista
Grupo 4X	Pessoas que Dão a Sua Vida Pelos Outros	Documentário/ Descritivo expositivo
Grupo 5X	Desenrascanço	Descritivo/Humorístico
Grupo 6X	Sem Cenas	Ficção /inspiração televisiva abordagem humorística
Grupo 1Y	Alcoolismo na Adolescência	Documentário
Grupo 2Y	Os Jovens de Hoje e de Antigamente	Reportagem /entrevista
Grupo 3Y	Diferenças Entre os Fins de Semana de Hoje e de Antigamente	Reportagem/entrevista
Grupo 4Y	À Margem da Sociedade	Reportagem /entrevista
Grupo 1Z	Os Fins de Semana no Passado e no Presente	Documentário /entrevista /depoimento
Grupo 2Z	Arte Urbana	Documentário/entrevista
Grupo 3Z	Rap	Documentário/descritivo
Grupo 4Z	Relações Entre Pais e Filhos	Documentário/descritivo

Tabela 16 - Tipo de abordagem

4.5.2. Aspectos evidenciados

Os filmes realizados apresentam um leque variado de temas, evidenciando aspetos que vão desde o conflito/diferença geracional, às questões sociais e humanitárias, comportamento social, arte, passando por comportamentos de risco e outros problemas relacionados com a adolescência.

Nos vídeos que abordam aspectos geracionais, os autores incidem, sobretudo, nas transformações relativas ao vestuário e ocupação de tempos livres. A abordagem deste tema foi influenciada, em algumas situações, pelo concurso televisivo “Portugal Visto Por Nós”, os alunos acabaram por não se “desligar” dos temas que pensaram/trabalharam nessa atividade. Foi relevante a preocupação em procurar testemunhos/depoimentos de pessoas mais velhas, transeuntes, vizinhos, familiares e amigos, das gerações envolvidas, bem como o uso de fotos e filmagens de arquivo. Pela análise de algumas entrevistas realizadas aos mais velhos, também verificámos a preocupação destes alunos em saber qual a opinião dos adultos sobre estas

transformações e, sobretudo, a opinião que têm dos jovens de hoje, dos seus comportamentos e da sua vida.

Nos trabalhos que abordam a questão social e humanitária, evidenciam aspectos relacionados como o voluntariado, a preocupação com o próximo e um olhar sobre os problemas do mundo. Aqui os alunos recorreram a entrevistas, reportagens e dados estatísticos para informar e alertar sobre estes temas. Outro aspecto que nos pareceu interessante, foi o retratado no vídeo “Gangues da Ribeira”, em que o líder do gangue, em entrevista, assumia ter um comportamento aparentemente violento, como defesa. Ou seja, a ideia de que muitas vezes aparentamos ser aquilo que não somos para melhor nos defendermos dos outros.

As questões relacionadas com a adolescência e os problemas dos jovens adolescentes, como comportamentos de risco/consumo de substâncias nocivas para a saúde, a violência exercida entre jovens, a pressão do grupo e a indisciplina, os sonhos do futuro, o culto da imagem e a influência dos media, foram abordadas em alguns trabalhos, através de encenações/ficção e de paródia a programa de televisão.

Finalmente, estes jovens, através do seu trabalho, revelaram preocupação com causas como o ambiente, a exclusão social, a pobreza, a opinião dos adultos sobre os jovens e a violência. Revelaram ainda estar conscientes das suas fragilidades enquanto jovens e dos problemas que os afectam. Têm uma visão do mundo e descobriram meios criativos para a dar a conhecer.

A tabela seguinte apresenta, por vídeo, os aspectos evidenciados, complementados por algumas observações.

Título do Filme Vitórias e Derrotas	
Aspetos evidenciados	Comportamentos desviantes, indisciplina em sala de aula, Bullying, relações de grupo, a coragem de resistir e dizer não.
Observações	Grupo formado apenas por meninas, algumas com comportamento muito tímido e reservado. Surpreendente a sua postura como atrizes, e a escolha que fizeram dos aspetos/temas abordados no filme. Filme um pouco curto, as cenas em que abordam as diferentes situações são demasiado ‘rápidas’, poderiam ter explorado mais alguns dos aspectos evidenciados. Bom
Título do Filme Gangues de Rua	
Aspetos evidenciados	O mundo do crime. Numa edição especial, um jornalista faz um entrevista a um líder de um gangue de rua, que acaba por ter respostas inesperadas. Abordado o aspecto de se fazer passar por mau ou aquilo que não se é, como defesa.

Observações	A ideia é interessante, há cuidado no grafismo e ficha técnica. Imagem muito escura, nota-se que queriam dar um ar de mistério e secretismo com a diminuição da luz, mas acabou por comprometer toda a imagem/trabalho. O som é pouco perceptível.
Título do Filme Futebol	
Aspetos evidenciados	Futebol - O desporto preferido O sonho de muitos jovens em tornarem-se estrelas / Mundo do futebol / as claques e a violência
Observações	Grupo só de rapazes, nunca ponderaram outro tema. Muitas imagens retiradas da Web, poderiam ter explorado mais o aspeto da violência no desporto/futebol.
Título do Filme Pessoas que Dão a Sua Vida Pelos Outros	
Aspetos evidenciados	A relevância do papel dos bombeiros ao serviço da comunidade História do quartel do bombeiro de Barcelos (imagens de arquivo e imagens recolhidas pelas alunas). Visita guiada por todo o quartel através de imagem
Observações	Trabalho de grupo que teve por base um trabalho individual pedido na disciplina de EMRC com o tema “Projeto de Vida” - uma aluna do grupo que sonha ser Bombeira.
Título do Filme Desenrascanço	
Aspetos evidenciados	A capacidade em contornar situações do povo português.
Observações	O grupo (só rapazes) não conseguiu cumprir com o que tinha proposto no guião inicial. Alegando falta de tempo, contornou a situação realizando um diaporama, com o mesmo tema inicial, usado imagens retiradas da Web. Bom
Título do Filme Sem Cenas	
Aspetos evidenciados	A adolescência, os problemas com a imagem e a influência dos media.
Observações	Grupo misto. Uma paródia a um programa de televisão “Doutor Preciso de Ajuda” – muito bom
Título do Filme Alcoolismo na Adolescência	
Aspetos evidenciados	A adolescência e os problemas com o álcool - consequências do excesso de consumo de álcool e o que leva os jovens ao seu consumo. Apresentação de alguns dados estatísticos relacionados com seu consumo.
Observações	Grupo que também teve dificuldade em gerir o tempo para poder cumprir o guião inicial. Realizou uma reportagem com imagens de vídeos, na maioria retirados da Web. A seleção e sequência dada às imagens, a locução com dados estatísticos e informações sobre o consumo do álcool por adolescentes... a música, resultaram num trabalho bastante interessante e educativo.
Título do Filme Os Jovens de Hoje e de Antigamente	
Aspetos evidenciados	Algumas diferenças geracionais, sobretudo na forma de vestir. Entrevistas a adultos sobre o que pensam dos jovens de hoje. Fotos de arquivo evidenciando hábitos e formas de vestir dos mais velhos, quando jovens, fotos publicitárias, entrevistas
Observações	Fraca gestão do tempo na apresentação das imagens fixas /muito demorado, acaba por cansar. Algumas entrevistas interessantes. Satisfatório
Título do Filme Diferenças Entre os Fins de Semana de Hoje e de Antigamente	

Aspetos evidenciados	Novamente as diferenças geracionais, sobre atividades de fim de semana/ tempos livres/quais as suas brincadeiras. Entrevistas a adultos e jovens. Utilização de imagens vídeo e fotos de arquivo.
Observações	Grupo só de rapazes. Utilização de legendas para solucionar problemas de som. Interessantes algumas entrevistas.
Título do Filme À Margem da Sociedade	
Aspetos evidenciados	Os sem abrigo. Reportagem de rua, orientada com perguntas sobre o que fazemos e sentimos pelos sem abrigo. Fotos como base de texto informativo sobre os sem abrigo em Portugal.
Observações	(Grupo só com raparigas) Trabalho muito assente na reportagem/entrevista. Perguntas muito interessantes, a montagem do vídeo respeita a sequência das perguntas. Muito Bom
Título do Filme Os Fins de Semana no Passado e no Presente	
Aspetos evidenciados	As diferenças entre gerações. Ocupação de tempos livres Depoimentos de transeuntes adultos, familiares (pais), colegas
Observações	(Grupo de raparigas, mas com colegas rapazes participar no filme) Trabalho bem estruturado. Fotos documentais a ilustrar o tempo passado com música da mesma época. Muito interessantes a opção de recolher o depoimento de uma mãe de um elemento do grupo. Algumas imagens recolhidas com criatividade. Recurso pontual a legendas para solucionar problemas de som. Muito Bom
Título do Filme Arte Urbana	
Aspetos evidenciados	O graffiti. Arte ou vandalismo. Imagens de grafites nas cidades, com destaque para a cidade de Braga. Espaços autorizados e não autorizados Entrevista – opinião sobre o graffiti
Observações	Imagens interessantes. Apenas uma entrevista, apesar de interessante, foi muito tempo com a mesma pessoa e opinião. O grupo referiu ter tido muita dificuldade para conseguir as entrevistas. As pessoas tinham receio do uso da sua imagem para fins não autorizados
Título do Filme Rap	
Aspetos evidenciados	Música de intervenção, opção de vida, o grupo, direito à diferença e de opinião.
Observações	Descritivo, apoiado em muitas imagens recolhidas da web. Recurso ao género de música tratado no tema.
Título do Filme Relações Entre Pais e Filhos	
Aspetos evidenciados	Conflito geracional, a importância do apoio familiar e o desejo de independência.
Observações	Trabalho bastante assente em imagens fixas mas muito criativo e original. Utilização de imagens interessantes e bem enquadradas. Bom

Tabela 17 - Aspectos evidenciados e observações.

4.5.3. Media usados

A forte ligação destes jovens à música e o 'vigor' que ela parece imprimir às suas vidas determinaram a sua utilização em quase todos os trabalhos, à exceção de um. A escolha da música obedeceu ao gosto dos jovens e tendências do momento, mas também obedeceu à relevância dos temas (letras) das músicas e à sua identificação com o trabalho que iam integrar. De um modo geral, a utilização deste media obedeceu a critérios de seleção pensados para o trabalho.

A utilização de fotografias, recolhidas no momento de realização dos trabalhos ou recolhidas da Web, imprensa ou arquivos pessoais, constituiu importante meio de ilustração de factos e acontecimentos. Muitas vezes, foram um importante recurso para solucionar problemas de substituição de imagens de vídeo que não houve tempo para recolher.

Outro meio utilizado em quase todos os trabalhos foi as legendas, como complemento de informação, como rodapé para simular um programa televisivo, como solução para resolver problemas de som, sobretudo nas entrevistas de rua em que o som da voz era imperceptível. A locução também foi outro dos recursos utilizados em alguns trabalhos, sobretudo nas reportagens e documentários. Relativamente à utilização de ruídos intencionais nos trabalhos apenas identificámos a sua utilização num trabalho de género humorístico. Podemos concluir que foram vários os media utilizados nos trabalhos e a sua utilização obedeceu a critérios como a estética, criatividade, funcionalidade e solução de problemas práticos.

4.5.4. Tipo de audiovisual

O tipo de audiovisual mais usado na realização dos trabalhos foi o misto, ou seja, a associação de imagem em movimento (vídeo) com imagem fixa (fotografia) seguido do videograma (apenas vídeo ou imagem em movimento na íntegra). Foram ainda realizados dois trabalhos em formato diaporama (imagens fixas associadas a som e legendas), um deles em alternativa a um trabalho que, inicialmente, estava previsto ser videograma.

Sendo nossa intenção proporcionar a estes jovens a experiência de criação de documentos audiovisuais, o facto de terem sido criados documentos audiovisuais de variados tipos e não apenas 'videogramas' não afecta essa intenção. Pelo contrário, concordamos com a observação de Oliveira (2010, p. 280) a propósito do podcasting e do podcasting vídeo:

É de realçar que a facilidade de manuseio e de integração de ficheiros de media diversos, que a digitalização permite, desafia e amplifica a discussão sobre o que define o vídeo, enquanto linguagem e formato. Em última instância, o podcasting, em sentido lato e enquanto tecnologia nova, enforma documentos que podem ser classificados como audio-scripto-visuais na terminologia criada por Jean Cloutier (1975, 2001).

5. Conclusão

Nesta secção apresentamos uma síntese conclusiva de todo o trabalho desenvolvido para este estudo, bem como recomendações sobre a utilização da tecnologia vídeo na aprendizagem e formação dos jovens. Também são discutidas as dificuldades encontradas no decurso deste projeto, as implicações dos resultados obtidos e apresentadas perspectivas para trabalhos futuros.

5.1. Retrospectiva do trabalho desenvolvido

O estudo apresentado pretende ser um exemplo de utilização do audiovisual, da linguagem cinematográfica e da audiovideografia para aprender a interpretar e usufruir com autonomia e consciência as mensagens audiovisuais. Para tal sendo necessário dotar os alunos de conhecimentos sobre o código audiovisual (competências de uso, literacia audiovisual) que lhes permitam uma leitura crítica dos produtos videográficos, procurando que se tornem recetores mais sensíveis, reflexivos e críticos.

O consumo massificado de mensagens audiovisuais gera um impacto enorme na sociedade, sobretudo nos jovens, população mais sensível e mais receptiva ao audiovisual. Enquanto educadores, acreditamos que a melhor forma de os protegermos contra os excessos provocados por este consumo, quase sempre sem controlo/filtro, é dotá-los de competências que lhes permitam a descodificação dessas mensagens.

Os nossos objetivos eram os seguintes e foram atingidos:

1) dotar os alunos de conhecimentos sobre o código audiovisual (competências de uso, literacia audiovisual) que permitam uma leitura crítica dos produtos videográficos, procurando que se tornem recetores mais sensíveis, reflexivos e críticos;

2) promover o olhar crítico e reflexivo sobre os factos e acontecimentos;

3) incentivar os alunos a usarem a tecnologia audiovisual digital como meio de transmissão das suas próprias mensagens e ideias, procurando contribuir para a formação de cidadãos/comunicadores mais interventivos e mais criativos;

4) contribuir para o desenvolvimento da cultura audiovisual na escola, evidenciando a linguagem audiovisual, tão presente na sociedade contemporânea, como forma de expressão, de produção e veiculação do saber.

Os resultados obtidos pela observação direta da investigadora, pela análise do questionário final e pela análise dos videogramas realizados pelos alunos, advogam a favor do uso e sucesso desta estratégia pedagógica.

Os conhecimentos e conceitos adquiridos pelos alunos no âmbito da linguagem cinematográfica e audiovisual, da leitura e interpretação de imagens, potenciaram uma nova postura face ao audiovisual. Assistimos, nos momentos de visualização de imagens/vídeos, a

alunos verdadeiramente interessados e entusiastas, colocando questões, com referências a situações que já tinham observado noutros contextos, discutindo e comparando. Uma postura de “conhecedores”, “de entendidos” de quem está a refletir e questionar.

A realização de pequenos vídeos/videogramas pelos alunos, o passar de consumidor a produtor/construtor de comunicação, o contacto com a tecnologia, com o mundo da realização, o sentir as dificuldades do trabalhar em grupo, de depender dos outros, de ter de encontrar consensos, do tempo, dos ruídos, da tecnologia disponível, de todas as condicionantes que um trabalho destes proporciona, permitiram uma aprendizagem enriquecedora. Foi notória a evolução dos alunos quanto à forma como se iam disciplinando, como iam ultrapassando obstáculos e como também evoluíam relativamente ao “aprender a ver” e à aplicação do código/linguagem audiovisual.

Este aprender fazendo, permitiu-lhes “desmontar” o objeto audiovisual, perceber que há uma distância entre o que é projetado na tela e a realidade, saber por experiência - eles mesmos aprenderam a “construir realidades” através do uso dos mesmos meios tecnológicos e dos mesmos códigos. A partir do momento em que conhecem o processo da edição/montagem/criação do objeto audiovisual, o olhar sobre ele muda e surge uma relação mais equilibrada, em que o espectador/receptor tem a capacidade de ler ativa e criticamente, de perceber as mensagens, de refletir sobre elas e de as avaliar.

Os filmes realizados pelos alunos abordam um conjunto variado de temas, escolhidos livremente por eles mesmos, que evidenciam a sua preocupação com causas como o ambiente, a exclusão social, a pobreza, e a violência. Revelam também o conhecimento que têm de si, das suas fragilidades, dos problemas que os afetam. Estes alunos usaram a tecnologia audiovisual digital como meio de transmissão das suas próprias mensagens e ideias, transmitiram-nas de forma criativa, utilizando os media com critérios de seleção pensados para o trabalho. E de uma maneira geral, com intencionalidade e eficácia. Revelaram que têm ideias sobre si próprios e sobre o mundo, que têm preocupações, sonhos, vontade de intervir, de ter voz. A tecnologia audiovisual surge como um meio privilegiado e atrativo para os alunos, um meio de comunicar e interagir com o mundo. São os próprios que o reconhecem através dos testemunhos deixados no inquérito final.

Para complementar a aprendizagem da linguagem cinematográfica e do audiovisual, o estudo promoveu a participação em eventos culturais (festival de cinema de animação e sessões

de cinema na escola), incentivou o uso de filmes em contexto de sala de aula, sugeriu filmes para serem vistos em família. Alguns alunos elegeram mesmo a tecnologia audiovisual para a apresentação de trabalhos noutras disciplinas (EMRC). Estes são exemplos que defendem o contributo deste projeto para o desenvolvimento da cultura audiovisual na escola, evidenciando a linguagem audiovisual, tão presente na sociedade contemporânea, como forma de expressão, de produção e veiculação do saber.

As nossas questões orientadoras eram estas:

— A criação, pelos alunos, de pequenos filmes sobre a realidade escolar, a cidade onde habitam, os problemas que os preocupam, contribui, de forma significativa, na educação para a cidadania, para a promoção das artes, da criatividade, e para o desenvolvimento da cultura audiovisual na escola?

— Qual é a importância dos jovens “fazerem” e discutirem comunicação?

— Será que estes alunos serão os mesmos depois de dominarem esta tecnologia, depois de passarem de consumidores a produtores?

Confirma-se, assim, a hipótese de trabalho que formulámos inicialmente, lembrando: estes alunos, após a experiência de criação de videogramas (pequenos filmes), ficarão mais sensibilizados para a natureza de ‘artefacto’ do universo audiovisual. Ou seja, estes alunos e alunas, após a realização das atividades propostas, demonstraram, efetivamente, estar mais sensibilizados para a leitura e uso do audiovisual, numa perspectiva mais consciente e conhecedora da sua natureza “construída”. Dificilmente aceitarão passivamente ideias ou mensagens sem as questionarem, sem as desmontarem e refletirem sobre qual o seu objetivo e que realidade representam. Aprenderam que podem utilizar tecnologia audiovisual para apresentar e defender as suas ideias, que também eles podem ser criadores de realidades, inspiradores, sedutores/manipuladores, comunicadores.

5.2. Síntese conclusiva

Foi possível verificar que estes jovens realizadores de narrativas audiovisuais desenvolveram competências no âmbito das tecnologias, no âmbito da forma como lidam com os elementos das linguagens, no diálogo que estabelecem com o imaginário, no modo de

falarem de si e das suas questões, em suma, no modo de interagirem com o mundo. Pudemos verificar um aumento da sensibilidade destes jovens para usufruírem da produção audiovisual e para uma seleção criteriosa dos produtos a visionar, rompendo com o hábito de consumir sem pensar, sem desfrutar das imagens nem questionar as ideias.

Se dotarmos os jovens de conhecimentos sobre a linguagem audiovisual e os sensibilizarmos para o seu poder, estamos a contribuir para que se tornem recetores mais conscientes, mais críticos, mais reflexivos e mais sensíveis. Se os incentivarmos a usarem a tecnologia audiovisual digital como meio de transmissão das suas próprias mensagens e ideias, estamos a contribuir para a formação de comunicadores mais interventivos, mais cívicos e mais criativos. Se dermos espaço e liberdade aos alunos para a produção das suas próprias narrativas audiovisuais e as tornarmos visíveis, o impacto na comunidade escolar será muito positivo, quer pelo diálogo que podem gerar, quer pela promoção da linguagem audiovisual na escola.

5.3. Trabalhos futuros e consequências do estudo

O estudo não esteve isento de dificuldades, a conclusão dos trabalhos coincidiu com o final de período, momento muito complicado para os alunos envolvidos no projeto, como já tivemos oportunidade de referir anteriormente, com a preparação para exames nacionais de Língua Portuguesa e Matemática e todas as atividades e emoções de despedida inerentes ao final do ano letivo e de final de ciclo. Este cenário acabou por ter alguma influência no desenvolvimento e conclusão de alguns trabalhos, mas também foi uma oportunidade de criar novas soluções e encontrar novas respostas, que também já tivemos oportunidade de apresentar.

No que diz respeito a trabalhos futuros, seria pertinente investigar a evolução da literacia audiovisual de alunos envolvidos neste estudo, uma vez que temos conhecimento da utilização da tecnologia audiovisual por parte de alguns destes alunos, agora no secundário, para responder a solicitações de trabalho no âmbito de disciplinas do currículo.

Também seria interessante investigar o interesse/visão dos professores sobre o ensino-aprendizagem do cinema e da linguagem cinematográfica e audiovisual nas nossas escolas, à semelhança do que acontece em escolas de outros países.

Mais centrado no ambiente familiar e no envolvimento dos pais e encarregados na educação/formação dos seus educandos, seria importante termos uma visão mais detalhada dos consumos audiovisuais dos jovens, se o fazem ou não com conhecimento e acompanhamento dos pais e se estes têm consciência das influências (positivas ou negativas) que os media podem ter nos seus filhos.

Referências e Bibliografia Consultada

- Abrantes, J. C. (1992) *Os media e a Escola: da Imprensa aos Audiovisuais no Ensino e na Formação*. LISBOA: Texto Editora.
- Alegria, J. (s/d). Um sonho, um belo sonho. Disponível em http://www.ichs.ufop.br/memorial/trab/e2_4.doc (acedido a 09 de Julho de 2010).
- Almacellas, M. À. (2004). *Educar con el Cine*. Madrid: Ediciones Internacionales Universitárias.
- Ambròs, A. & Breu, R. (2007). *Cine y educación. El cine en la aula de primaria y secundaria*. Barcelona: Graó.
- Aparici Marino, R. e Garcia Matilla, A. (1989). *Lectura de Imágenes*. Madrid: Ediciones De La Torre.
- Apple, M. (1997). *Os Professores e o Currículo. Abordagens Sociológicas*. Lisboa: Educa.
- Aumont, J. (1991). *L'Image*. Paris: Nathan.
- Aumont, J.; Bergala, A.; Marie, M.; Vernet, M. (1983). *Esthétique du Film*. Paris: Editions Fernand Nathan.
- Bardin, L. (1994). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barry, A. M.(1997). *Visual Intelligence. Perception, image, and manipulation in visual communication*. Albany: State University of New York Press.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Benjamin, W. (1996). *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Berger, P. L. & Luckmann, T. (1967). *The Social Construction of Reality. A Treatise in the Sociology of Knowledge*. USA: Anchor Books.

- Bogdan, R. & Taylor, S. (1986). *Introducción a los métodos cualitativos de investigación: La búsqueda de significados*. Buenos Aires: Editorial Paidós.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bonami, M. & Garant, M. (Dir.) (1996). *Systèmes Scolaires et Pilotage de l'Innovation. Emergence et implantation du changement*. Bruxelles: De Boeck Université.
- Bravo, M. P. Colás & Eisman, L. B. (1998). *Investigación Educativa. 3ª Ed.* Sevilla: Ediciones Alfar.
- Bruner, J. (1991). The Narrative Construction of Reality. *Critical Inquiry*, Autumn 1991, Vol. 18, No. 1: pp. 1-21.
- Bruner, J. (1999) *Para uma Teoria da Educação*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Buckingham, D. (2005). *Media education: Literacy, learning and contemporary culture*. Cambridge, U.K.: Polity Press.
- Catelli, R. E. (2003). Cinema e Educação. Disponível em <http://www.mnemocine.com.br/aruanda/cineducemgrierson.htm> (acedido a 18 de Agosto de 2010).
- Cloutier, Jean (1975) *A Era de Emerrec ou a Comunicação Audio-scripto-visual na hora dos self-media*. Lisboa: ITE /MEIC
- Cloutier, J. (2001). *Petit traité de communication. EMEREC à l'heure des Technologies Numériques*. Montréal: Les éditions Carte blanche. Reillanne: Atelier Perrousseaux éditeur.
- Costa, A. (2011). *Audiovideografia e aprendizagem: um estudo de caso com alunos do 6º ano do Ensino Básico, em Área de Projecto*. Dissertação de Mestrado em Educação, área de especialização em Tecnologia Educativa. Braga: Universidade do Minho.

- Coutinho, C. (2005). *Percursos da Investigação em Tecnologia Educativa em Portugal: uma abordagem temática e metodológica a publicações científicas (1985-2000)*. Braga: Universidade do Minho.
- Creswell, J. (1994). *Research Design: Qualitative and Quantitative Approaches*. Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Debray, Régis (1992) *Vie et Mort de l'Image. Une histoire du regard en Occident*. Paris: Gallimard.
- Bach, E. & Fores, A. (2007). *Comunicar y educar a través de la red: CEAC educación*: Barcelona
- Ferreira, M. J. (2011). *Audiovideografia e construção de identidades: um estudo de caso com alunos do 6º ano de escolaridade em Área de Projecto e Formação Cívica*. Dissertação de mestrado em Mestrado em Educação, área de especialização em Tecnologia Educativa. Braga: Universidade do Minho.
- Ferrés, Joan (1996) *Vídeo e Educação*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- Fischer, R. M. B. (2001). *Televisão & Educação, Fruir e Pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Fresquet, A. (Org.) (2007) *Imagens do Desaprender. Uma experiência de aprender com o cinema*. Rio de Janeiro: BookLink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ.
- Fullan, M., & Hargreaves, A. (2001). *Porque é que vale a pena lutar? O trabalho de equipa na escola*. Porto: Porto Editora
- Gee, J. P. (2003). *What Video Games Have to Teach Us About Learning and Literacy*. New York: Palgrave Macmillan.
- Gee, J. P. (2004). *Situated Language and Learning. A critique of traditional schooling*. New York: Routledge.
- Gomez, G. R.; Flores, J.; Jiménez, E. (1996). *Metodología de la Investigacion Cualitativa*. Málaga: Ediciones Aljibe.

- Goody, J. (1988). *Domesticação do Pensamento Selvagem*. Lisboa: Editorial Presença.
- Gutiérrez Espada, L. (1978). *Narrativa Fílmica. Teoría y técnica del guión cinematográfico*. Madrid: Ediciones Pirámide, S.A.
- Gutierrez, F. (1978). *Linguagem total: Uma pedagogia dos meios de comunicação*. São Paulo: Summus.
- Ibáñez, J. J.(1986) *Didáctica de la Imagen. Educación de la sensibilidad visual. Nivel 1*. Bilbao: I.C.E. Deusto. Ttarttalo, S.A.
- Jacquinet-Delaunay, G. (1998). Du cinéma éducateur aux plisirs interactifs: rives et dérives cognitives. In Beau-Dubois-Le Blanc (Ss Dir.) *Cinéma et Dernières Technologies*. Bry-Sur-Marne: INA/De Boeck.
- Jacquinet-Delaunay, G. (2006). *Imagem e Pedagogia*. Mangualde: Edições Pedagogo, Lda.
- Jacquinet, G. (1985). *L'Ecole Devant les Ecrans*. Paris: Ed. ESF
- Kilpatrick, W. (2007). *O Método de Projecto*. Mangualde: Edições Pedagogo.
- Kincheloe, J. L. (2008). Os Objectivos da Investigação Crítica: O Conceito de Racionalidade Instrumental. In J. M. Paraskeva, & L. R. Oliveira (Orgs.) *Currículo e Tecnologia Educativa. Volume 2*. Mangualde: Edições Pedagogo. Pp. 47 – 86
- Koumi, J. (2006). *Designing Video and Multimedia for open and flexible learning*. London: Routledge.
- Lankshear, C. & Knobel, M. (2006). *New Literacies. Changing Knowledge and Classroom Learning*. Buckingham: Open University Press.
- Lattanzio, L. (2003). *Les Médias Éducatifs au Japon*. Paris: PUF.
- Lessard-Hébert, M.; Goyette, G.; Boutin, G. (1994). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Littlejohn, S. M. (1982). *Fundamentos Teóricos da Comunicação Humana*. Rio de Janeiro: Zahar

- Machado, D. P. (s/d). A fama e a influência da mídia na felicidade dos jovens. Site do Curso de Direito da UFSM. Santa Maria-RS. Disponível em: <http://www.ufsm.br/direito/artigos/opiniao/influencia-midia.htm> (acedido em 25 de setembro de 2011).
- Martin-Barbero, J. (2000). Novos regimes de visibilidade e descentramentos culturais. In W. Filé e W. Batuques (Orgs.) *Fragmentações e fluxos*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Mcgreal, R. (2004). *Online Education Using Learning Objects*. Abingdon: RoutledgeFalmer.
- Merriam, S. (1988). *Case study research in education: A qualitative approach*. San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Ministério da Educação (2011). Currículo Nacional do Ensino Básico
- Moraes, R. A. S. V. (2001). Uma representação videográfica na arquitetura. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Moran, J. M.; Maseto, M. & Behrens, M. (2000). *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. São Paulo: Papirus Editora.
- Moran, J. M. (1994). Interferências dos Meios de Comunicação no nosso Conhecimento. *Intercon Revista Brasileira de Comunicação*. São Paulo, XVII (2):38-49, Julho-Dezembro 1994.
- Morin, E. (2000). *Les Sept Savoirs Nécessaires à l'Éducation du Futur*. Paris: Seuil.
- Nogueira, L. & Oliveira, L. R. (2009). Cinema educativo e construção de identidades: um estudo de caso em Educação Moral e Religiosa Católica. In B. D. Silva e A. B. Lozano (Eds.) *Actas do X Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho. Pp. 5556-5569.
- Oblinger, D. G. & Oblinger, J. L. (Eds.) (2005). *Educating the Net Generation*. Educause. e-Book. Disponível em <http://www.educause.edu/educatingthenetgen/> (15 de Outubro de 2011).
- Oliveira, L. R. (2008). Realização cinematográfica. Objecto de aprendizagem. Disponível em <http://bd.ccg.pt/bragadigital/> (mediante login) (22 de dezembro de 2009).

- Oliveira, L. R. (2009). Cinema educativo e construção social da realidade: criando identidades através da leitura e da escrita do mundo com o audiovisual. In B. D. Silva, L. S. Almeida; A. B. Lozano & M. P. Uzquiano (Orgs.) *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho. Pp. 5570-5582.
- Oliveira, L. R. (2010). Podcasting: vídeo para aprender e para pensar a identidade. In A. A. A. Carvalho (Org.) *Podcasts para ensinar e aprender em contexto*. Santo Tirso: De Facto Editores. Pp. 266-288.
- Oliveira, L. R. (2002). *Alfabetização Informacional na Sociedade da Informação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional. Coleção Desenvolvimento Curricular.
- Oliveira, L. R. (2004). *A Comunicação Educativa em Ambientes Virtuais*. Braga: CIEd/Universidade do Minho.
- Papert, S. (1993). *The children's machine: rethinking the school in the age of computers*. New York: Basic Books.
- Paraskeva, J. M. (2007). O Currículo como Reconstrução Contínua da Experiência. In W. Kilpatrick, *O Método de Projecto*. Mangualde: Edições Pedagogo.
- Paraskeva, J. M. e Oliveira, L. R. (2006). Currículo e Tecnologia Educativa, Limites e potencialidades. In J. M. Paraskeva M. & L. R. Oliveira (Orgs.) *Currículo e Tecnologia Educativa, volume 1*. Mangualde: Edições Pedagogo.
- Pinto, M. (2002). *Televisão, família e escola*. Lisboa: Ed. Presença.
- Ponte, J. P. (1994). O estudo de caso na investigação em educação matemática. *Quadrante*, Vol.3, nº 1, 3-17.
- Ponte, J. P.; Oliveira, P. & Varandas, J. M. (2001). O contributo das tecnologias de informação e comunicação para o desenvolvimento do conhecimento e da identidade profissional. Universidade de Lisboa
- Porcher, L. (1977). *A Escola Paralela*. Lisboa: Livros Horizonte LDA.

- Pozo, J. I. (1993). *Teorías cognitivas del aprendizaje*. Madrid: Ediciones Morata.
- Punch, K. (1998). *Introduction to Social Research: Quantitative & Qualitative Approaches*. London: SAGE Publications.
- Ramos, J. L. (1999). A escola que aprende: um estudo múltiplo de casos no domínio da integração das TIC na escola. Actas da I Conferência Internacional Challenges 99. Pp. 275-286.
- Rancière, J. (2007). *O Mestre Ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Romaguera, J.; Riambau, E.; Lorente, J. & Solà, A. (1989). *El Cine en la Escuela. Elementos para una didáctica*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A.
- Rowntree, D. (1990). *Teaching Through Self-Instruction*. London: Kogan Page Ltd.
- Sacristán, J. G. (2007). *A Educação e os Meios de Comunicação. Quem serve a quem?* Mangualde: Edições Pedagogo.
- Santomé, J. T. (1995). *O Currículum oculto*. Porto: Porto Editora.
- Santos Guerra, M. A. (1984). *Imagen y Educación*. Madrid: Ediciones Anaya.
- Santos, B. S. (2006). *A Gramática do Tempo. Para uma nova cultura política*. Porto: Afrontamento.
- Santos, M. (2003). *A educação para os media no contexto educativo*. Lisboa: Ed. Instituto de Inovação Educacional.
- Saramago, J. (1995). *Ensaio sobre a Cegueira, 2ª ed.* Lisboa: Editorial Caminho.
- Silbiger, L. N. (2005). O potencial educativo do audiovisual na educação formal. In A. Fidalgo & P. Serra (Eds.) Ciências da Comunicação em Congresso na Covilhã, *Actas do III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO*, Volume 4, Campos da Comunicação. Covilhã: LabCom. Pp. 376-381.

- Silbiger, L. N. (s/d). O potencial educativo do audiovisual na educação formal. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silbiger-lara-potencial-educativo-audiovisual-educacao-formal.pdf> (acedido em 25 de setembro de 2010)
- Silva, C; Fonseca, E. & Lourenço O. (2002). Valores Morais em televisão: Análise de uma série de grande audiência. *Análise Psicológica*, 4 (XX).
- Silva, N. A. (2010). A crise dos modelos dominantes de televisão – Crónica. *Jornal Económico*, 20 de março. Disponível em <http://nunoartursilva.com/48070.html> (acedido em 25 de setembro de 2010).
- Soler, L. (1988). *La Televisión. Una metodología para su aprendizaje*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A.
- Stake, R. (1998). *Investigación com estudios de casos*. Madrid: Morata.
- Tardy, M. (1973). *Le Professeur et les images. Essai sur l'initiation aux messages visuels*. Paris: Presses Unversitaires de France.
- Tuckman, B. W. (2000). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vieira, C. M. (1999). A credibilidade da investigação científica de natureza qualitativa: questões relativas à sua fidelidade e credibilidade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XXXIII, 2, 89-111.
- Vygotsky, L. (1987). *Pensamiento y Lenguaje. Comentarios criticos de Jean Piaget*. Buenos Aires: Editorial La Pléyade.
- Vygotsky, L. (1996) *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Watzlawick, P., Beavin, J. H. & Jackson, D. D. (1967). *Pragmática da comunicação humana*. São Paulo: Cultrix.
- Wileman, R. E. (1993). *Visual Communicating*. Englewood Cliffs, NJ: Educational Technology Publications.

Yin, R. (1994). *Case Study Research: design and methods (2nd Ed)*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Anexos

Anexo B – Análise dos Vídeos / Videogramas

Grelha de Análise de Vídeos (Oliveira, 2010)

Ano Lectivo 2008/2009

Explicação da grelha

O tipo de abordagem refere-se ao género (cinematográfico, quando identificável). Inclui o estilo (formal, informal, humorístico, etc.).

Os aspectos evidenciados referem-se ao conteúdo propriamente dito, ou seja, aos aspectos da temática (ou da biografia) que foram seleccionados para integrar o filme.

Os media usados referem-se aos recursos usados e o tipo de audiovisual caracteriza os filmes do ponto de vista dos media usados. Assinala-se apenas a presença (x).

Nas observações devem ser anotados os aspectos não previstos na grelha. Pode aqui ser anotada uma apreciação qualitativa da qualidade final do filme (excelente, muito bom, bom, satisfatório, precisa de...).



Grupo/Nomes: 1X

Tema/Título:

Tipo de Abordagem	Aspectos evidenciados	Media Usados						Tipo de audiovisual			
		Foto	Desenho	Vídeo	Música	Locução	Legenda	Ruídos	Diaporama	ograma	Misto
Observações:											



Grupo/Nomes: 2X

Tema/Título:

Tipo de Abordagem	Aspectos evidenciados	Media Usados						Tipo de audiovisual			
		Foto	Desenho	Vídeo	Música	Locução	Legenda	Ruídos	Diaporama	ograma	Misto
Observações:											

Anexo C – Inquérito por questionário

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO



OBJECTIVOS

A tua professora está a estudar na universidade (curso de mestrado, especialização em Tecnologia Educativa).

Para o seu trabalho de investigação precisa da tua colaboração, com o preenchimento de um questionário que tem por objectivo fazer a tua caracterização enquanto utilizador de serviços e equipamentos electrónicos.

As respostas serão posteriormente analisadas e deves, portanto, ser sincero.

Os dados recolhidos neste questionário permanecerão totalmente confidenciais. Desse modo, o teu nome nunca será referido nem o da tua escola. Mesmo assim, se não quiseses responder, podes deixar em branco.

DADOS PESSOAIS

Nome: _____

Sexo:

- Masculino
 Feminino

Idade: ____

Ano lectivo: 200__ / 200__

Ano de Escolaridade: ____^o

Escola: _____

Da lista que se segue, indica quais os equipamentos a que tens acesso em casa:

	Não	Sim	Partilho com:
Computador de mesa			
Computador portátil			
Ligação à Internet			
Impressora			
Digitalizador (scanner)			
Câmara fotográfica digital			
Câmara de vídeo digital			
Leitor de DVD			

Aparelhagem de música			
Televisão digital			
Play station			
iPod ou Mp3			
Telemóvel			
Outro/outros	Qual/quais:		

	Sim	Não
2- Usas a Internet?		

2.1 Porquê?

	Sim	Não
3- Costumas aceder à internet todos os dias?		

4- Em média, quantas vezes por semana costumavas aceder à Internet?							
Nenhuma vez	Entre 1 a 2 vezes	Entre 2 a 3 vezes	Entre 3 a 4 vezes	Entre 4 a 5 vezes	Entre 5 a 6 vezes	Entre 6 a 7 vezes	Mais de 7 vezes

5- Utilizas a internet com:					
Muita facilidade	Facilidade	Alguma facilidade	Alguma dificuldade	Dificuldade	Muita dificuldade

6- Utilizas a internet principalmente para:

	Muitas vezes	Algumas vezes	Nunca ou quase nunca
Pesquisar em motores de busca (ex: google, sapo , clix...)			
Consultar a wikipédia			
Procurar informações para fazer trabalhos escolares			
Usar o e-mail			
Usar o MSN messenger			
Participar em fóruns/grupos de discussão			

Usar o Hi5			
Usar o My Space			
Fazer o "download" de jogos, vídeos ou de software			
Encomendar ou comprar produtos			
Criar páginas Web			
Jogar online individualmente			
Jogar online com outros utilizadores da Internet			
Ouvir música			
Ver vídeos			
Usar outra plataforma? Qual?			
Outros:			

	Sim	Não
7- Tens um site pessoal?		

	Sim	Não
8- Tens um blogue?		

	Sim	Não
9- Quando fazes pesquisas na Internet qual é o motor de busca que mais utilizas?		

9.1 Porquê?

	Sim	Não
10- Tens uma conta de e-mail?		

10.1 Porquê?

11- Em média, quantas vezes por semana consultas o teu e-mail?							
Até 1 vez	Entre 1 a 2 vezes	Entre 2 a 3 vezes	Entre 3 a 4 vezes	Entre 4 a 5 vezes	Entre 5 a 6 vezes	Entre 6 a 7 vezes	Mais de 7 vezes

12- Utilizas o e-mail principalmente para

	Muitas vezes	Algumas vezes	Nunca ou quase nunca
Comunicar com amigos			
Fazer trabalhos da escola			
Contactar os professores			
Outros:			

	Sim	Não
13- Já alguma vez fizeste filmagens/vídeo?		

14- Em caso de resposta afirmativa à questão anterior, que equipamento utilizaste para fazer as filmagens/vídeo?		
Câmara de vídeo	Câmara fotográfica digital	Telemóvel

	Sim	Não
15- Fizeste a edição do vídeo?		

	Sim	Não
16- O vídeo que fizeste foi para algum trabalho da escola?		

17- Quais os softwares de tratamento e edição de vídeo que conheces?

	Sim	Não	Já usei
Windows Movie Maker			
Adobe Première			
Pinnacle studio Plus			
Avid Xpress			
CyberLink PowerDirector			
VirtualDub			
Outro. Qual:			

	Sim	Não
18 - Costumas ir ao cinema?		

18.1. - Em caso de resposta afirmativa à questão anterior, que género gostas mais:			
Aventura/romance	Drama	Comédia	Outros:

18.2. - Em média, quantas vezes por mês vais ao cinema?					
Até 1 vez	Entre 1 a 2 vezes	Entre 2 a 3 vezes	Entre 3 a 4 vezes	Entre 4 a 5 vezes	mais de 5 vezes

		Sim	Não
18.3. - Costumas assistir a filmes em casa?			

18.4. - Em média, quantas vezes por semana?					
Até 1 vez	Entre 1 a 2 vezes	Entre 2 a 3 vezes	Entre 3 a 4 vezes	Entre 4 a 5 vezes	mais de 5 vezes

		Sim	Não
19 – Tens por hábito ler a ficha técnica do filme?			

		Sim	Não
20 – Costumas discutir com os teus colegas, amigos ou familiares assuntos abordados no filme?			

Obrigada pela tua colaboração

Anexo D – Questionário sobre o trabalho de vídeo realizado

Questionário sobre o trabalho de vídeo realizado



OBJECTIVOS: Levantamento das dificuldades/satisfação e sugestões sobre o trabalho de vídeo realizado.

Nome do vídeo: _____ grupo _____

Nome: _____ Turma _____

	Sim	Não
1 - Gostaste do trabalho de vídeo que realizaste?		

1.1 Porquê?

2- Na realização do trabalho de vídeo indica:

2.1 dois aspectos positivos

A _____

B _____

2.2 dois aspectos negativos:

A _____

B _____

	Sim	Não
3- Gostarias de desenvolver mais projetos na Escola om recurso à tecnologia vídeo?		

3.1 Porquê?

	Sim	Não
4- Tencionas vir a fazer filmes noutros contextos/situações?		

4.1 Se deste resposta afirmativa, dá exemplos:

	Sim	Não
5 - gostarias de criar filmes para publicar e serem apreciados por um grande público?		

5.1 Porquê?

	Sim	Não
6- Os teus pais/familiares apoiaram o trabalho que fizeste?		

	Sim	Não
6.1 Puseram algum entrave?		

7- Durante a realização do vídeo gostaste mais:	
Da planificação (apresentação de ideias, pesquisa, elaboração de guiões)	
Da recolha de imagens	
Da montagem do vídeo	
Do resultado	
De todas as fases	

Outro. Quais?	
----------------------	--

	Sim	Não
8 – Com a realização deste trabalho consideras estar mais sensível e atento ao visionares um vídeo/cinema? (mais atento aos pormenores técnicos, como enquadramento, cenário, som, luz, efeitos especiais)		

	Sim	Não
9- Consideras o vídeo como um bom recurso para apresentares as tuas ideias/trabalhos?		

Obrigada

Anexo E – Ficha de Apresentação de Ideias

Videografia Guião Planos Story board Zoom Argumento Sinopse Guião Montagem Realização Imagem Câmara Som
 Contrapicado Picado Travelling Ângulo Enquadramento Panorâmica Movimento Formatos Fade Corte Cortina Audiovisual Vídeo Cinema

FICHA DE APRESENTAÇÃO DE IDEIAS

Anexo E

Nome do Grupo:		
Nº	Nome	Endereço electrónico

Temas sugeridos pelo grupo

Desenvolvimento de algumas das ideias apresentadas
